Selos & Moedas

AVEIRO, 1-XII-1964 ★ ANO II e III ★ N.os 8-9 ★ JULHO ★ NOVEMBRO

REVISTA TRIMESTRAL

da

SECÇÃO FILATÉLICA

e

NUMISMÁTICA

do

Clube dos Galitos

bibRIA

LIMIAR

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO
BIBLIOTECA

SERENAMENTE, sem atropelos nem agravos, a nossa revista prossegue na sua rota, segura das directrizes delineadas desde o primeiro momento pelo responsável da operação, muito antes de colocada na rampa de lançamento.

«Selos & Moedas» subiu ao espaço, esplendorosa, alimentada por um carburante rico de entusiasmo e dedicação. Afoita, confiante dos próprios recursos, cruzou os ares e, ei-la que surge, quat nave multicor, a gravitar naquela órbita prevista do mundo filatélico.

Experiência ímpar entre nós, coroada por isso mesmo de invulgar êxito, logo se alcandorou a posição cimeira, como corolário natural de todo um trabalho consagrado à ingente missão de revelar ao país a ainda jovem mas promissora filatelia aveirense.

«Selos & Moedas» passou assim a ser o arauto de um movimento que pode considerar-se de revolucionário, adentro de dois tão interessantes como de proveitosos passatempos, preenchendo simultâneamente uma lacuna que, de forma inexplicável se mantinha, atento o grau de desenvolvimento da filatelia portuguesa, que logrou já um lugar de honra no concerto internacional da modalidade.

Porém, as responsabilidades contraídas pela invejável posição alcançada, impõe-nos obrigações. Há que prosseguir com toda a alma e o maior carinho na realização da tarefa que nos foi imposta, aquando da transmissão do testemunho, para que este, ao passar de mão em mão, não perca a firmeza e o ritmo iniciais, indispensáveis à continuidade e regularidade da nossa revista.

Só assim, «Selos & Moedas» continuará a ser um dos satélites mais brilhantes, onde se espelha, com raro fulgor, o nome glorioso do Clube dos Galitos.

AMADEU DE SOUSA

OBRA

NO 2.º ANIVERSÁRIO de SELOS & MOEDAS

COM o aparecimento do presente número inicia-se o III ano de publicação de Selos & Moedas.

Passaram pois dois anos de existência da revista. O bébé cresceu e agora já sente que os seus passos estão mais firmes.

Mas poderemos desde já afirmar que a revista atingiu a idade de emancipação?

Seria talvez pretensiosismo pensar numa situação definitiva porquanto não devemos esquecer que as realizações decorrentes de iniciativa clubística são correlativas aos seus corpos directivos e estes não são estáveis.

Todavia não é utopismo referir que o órgão da nossa Secção tem já vida própria e as suas infraestruturas estão capazmente solidificadas, o que permite olhar para o futuro com certa tranquilidade.

Esta confiança no porvir advem do alto sentido de associação que tem regulado os passos da revista, atentos os valores que estão na base da sua existência.

Desde a primeira hora que a linha de rumo traçada se tem mantido inalterável — fazer filatelia pura com espírito de camaradagem.

E porque a revista não é destinada a instrumento particular, nem a satisfazer caprichos pessoais, mas sim a ser exclusivamente um órgão difusor da Filatelia e da Numismática, — estas formas de coleccionismo que tão sentidamente abraçamos — os nossos muito estimados Colaboradores têm-nos prestado a sua valiosíssima cooperação, ajudando-nos desde o primeiro instante, com o seu inteligente contributo, a edificar esta útil e interessante obra.

Aos nossos prezados Colaboradores aqui deixamos consignado o maior reconhecimento pela sua prestimosa ajuda, sem a qual não teria sido possível erguer Selos & Moedas ao plano em que se encontra. Entretanto pedimos-lhes que continuem a colaborar na nossa revista para que esta possa ser paradigma das publicações da especialidade e que portanto represente o anseio de todos os coleccionadores e muito especialmente dos nossos associados.

A revista nasceu do desejo de levar a filatelia construtiva e também a numismática a todos quantos têm avidez de se instruirem na modalidade, de se cultivarem, de desenvolverem os sentimentos estéticos e artísticos, e ainda honrar e prestigiar o Clube dos Galitos, e portanto a cidade de Aveiro, tornando-a mais conhecida em todos os cantos do País e no estrangeiro.

Para continuar esta obra é necessário que os seus dirigentes estejam possuidos de um extraordinário sentido de altruismo, de espírito de sacrifício, de abnegação. E assim é. A causa é nobre e trabalhar para ela valoriza o espírito, que é afinal a melhor compensação do homem.

As inúmeras felicitações que nos têm dirigido e os incentivos prodigalizados animam-nos a continuar a obra para a qual temos depositado a maior dedicação.

O facto de termos alcançado um êxito, que muitos reputavam inatingível, não significa de forma alguma uma diminuição de intensidade dos nossos esforços, antes pelo contrário, é motivo forte para que nos empenhemos na ingente mas bela tarefa de prosseguir a caminhada.

Fazemos sinceros votos para que os continuadores desta realidade que é Selos & Moedas sintam os mesmos ideais que a alicerçaram, e que possuam renovadas forças que permitam engrandecer a revista e consequentemente prestigiar o nosso Clube dos Galitos.

A revista é feita para ti, caro Leitor, e para que ela corresponda aos teus ideais não tenhas acanhamento de enviar as tuas críticas construtivas, as tuas sugestões.

O fortalecimento da nossa actividade exige a tua indispensável cooperação, para realizarmos um fértil trabalho de conjunto.

Além da publicação de Selos & Moedas, a nossa Secção, durante 1964, tem labutado, dentro das suas limitadas possibilidades, impostas pela falta de tempo, para a expansão da filatelia.

Assim, em 21 de Março e na Sede, o nosso ilustre colaborador e amigo Snr. Dr. Jorge de Melo Vieira, debateu, em mesa redonda, o palpitante problema das temáticas e ainda versou a filatelia na generalidade; em 11 de Abril, uma representação deslocou-se a Matosinhos à Associação Recreativa Aurora da Liberdade para assistir à palestra «O que eu vejo nos meus selos» proferida pelo Dr. António Fragoso, nosso estimado colaborador, comemorativa do 1.º aniversário da Criação da Secção Filatélica daquela Colectividade; em 30 de Maio uma nossa embaixada foi até à «I Exposição de Divulgação Filatélica da Associação Desportiva EFACEC» dar o apoio à iniciativa e dar também um abraço ao nosso prezado amigo e colaborador Snr. João Campêlo, um dos organizadores da exposição; em 18 de Outubro uma caravana de directores e associados da nossa Secção foi a Lisboa entregar à Academia de Santo Amaro uma mensagem de agradecimento pela distinção com que nos honraram convidando-nos para participar na «I Exposição Intercolectividades de Cultura e Recreio». Bela jornada de confraternização e um grande passo em frente na colaboração interclubes; e vão realizar-se em 1 de Dezembro as celebrações do X Dia do Selo, com sessão comemorativa, exposição de selos e moedas, e jantar de confraternização. A exposição constitui desde já uma etapa importante na filatelia aveirense porquanto a afluência de participantes, em número de 47 (o ano passado 32), vem demonstrar o extraordinário interesse que os nossos associados têm devotado às suas colecções, melhorando-as, e por conseguinte perdendo o receio de se apresentarem em público.

Há ainda a referir mais uma iniciativa: a criação de bolsas filatélicas em Aveiro, que têm lugar aos domingos de manhã no café Trianon. Aqui se juntam muitos associados para procederem a trocas e conversar sobre o seu passatempo favorito.

Também é justo salientar o êxito alcançado pelos nossos associados na Exposição Internacional de Paris realizada em Junho e muito particularmente os aveirenses que pela primeira vez participaram numa exposição internacional, Snrs. José Morais Calado e Eng.º Paulo Seabra Ferreira ,ambos classificados com medalha de prata, e Carlos da Rocha Leitão com medalha de cobre.

Recentemente na Exposição Bancária o nosso associado aveirense Snr. José Henriques dos Santos obteve medalha de prata.

Não temos regateado esforços para o engrandecimento da nossa Secção. A nossa dedicação para o crescimento do binómio Filatelia-Amizade tem sido enorme. A única recompensa que aspiramos, é que a filatelia e a numismática possam contribuir para o desenvolvimento da cultura e arte, e a boa compreensão entre os homens num ambiente de franca camaradagem.

Resta-nos agradecer muito sincera e veementemente a todas as Entidades Oficiais e Particulares que de algum modo têm contribuido para o engrandecimento evalorização da Secção e da sua revista, cumprindo-nos destacar a Administração Geral dos C. T. T., a Administração Geral dos C. T. T. U., o Governo Civil de Aveiro, a Câmara Municipal de Aveiro, a Imprensa e os nossos prezados Colaboradores.

A todos saudamos com amizade e desejamos um Bom 1965

A DIRECÇÃO

biblioteca

NO 2.º ANIVERSÁRIO de SELOS & MOEDAS

COM o aparecimento do presente número inicia-se o III ano de publicação de Selos & Moedas.

Passaram pois dois anos de existência da revista. O bébé cresceu e agora já sente que os seus passos estão mais firmes.

Mas poderemos desde já afirmar que a revista atingiu a idade de emancipação?

Seria talvez pretensiosismo pensar numa situação definitiva porquanto não devemos esquecer que as realizações decorrentes de iniciativa clubística são correlativas aos seus corpos directivos e estes não são estáveis.

Todavia não é utopismo referir que o órgão da nossa Secção tem já vida própria e as suas infraestruturas estão capazmente solidificadas, o que permite olhar para o futuro com certa tranquilidade.

Esta confiança no porvir advem do alto sentido de associação que tem regulado os passos da revista, atentos os valores que estão na base da sua existência.

Desde a primeira hora que a linha de rumo traçada se tem mantido inalterável — fazer filatelia pura com espírito de camaradagem.

E porque a revista não é destinada a instrumento particular, nem a satisfazer caprichos pessoais, mas sim a ser exclusivamente um órgão difusor da Filatelia e da Numismática, — estas formas de coleccionismo que tão sentidamente abraçamos — os nossos muito estimados Colaboradores têm-nos prestado a sua valiosíssima cooperação, ajudando-nos desde o primeiro instante, com o seu inteligente contributo, a edificar esta útil e interessante obra.

Aos nossos prezados Colaboradores aqui deixamos consignado o maior reconhecimento pela sua prestimosa ajuda, sem a qual não teria sido possível erguer Selos & Moedas ao plano em que se encontra. Entretanto pedimos-lhes que continuem a colaborar na nossa revista para que esta possa ser paradigma das publicações da especialidade e que portanto represente o anseio de todos os coleccionadores e muito especialmente dos nossos associados.

A revista nasceu do desejo de levar a filatelia construtiva e também a numismática a todos quantos têm avidez de se instruirem na modalidade, de se cultivarem, de desenvolverem os sentimentos estéticos e artísticos, e ainda honrar e prestigiar o Clube dos Galitos, e portanto a cidade de Aveiro, tornando-a mais conhecida em todos os cantos do País e no estrangeiro.

Para continuar esta obra é necessário que os seus dirigentes estejam possuidos de um extraordinário sentido de altruismo, de espírito de sacrifício, de abnegação. E assim é. A causa é nobre e trabalhar para ela valoriza o espírito, que é afinal a melhor compensação do homem.

As inúmeras felicitações que nos têm dirigido e os incentivos prodigalizados animam-nos a continuar a obra para a qual temos depositado a maior dedicação.

O facto de termos alcançado um êxito, que muitos reputavam inatingível, não significa de forma alguma uma diminuição de intensidade dos nossos esforços, antes pelo contrário, é motivo forte para que nos empenhemos na ingente mas bela tarefa de prosseguir a caminhada.

Fazemos sinceros votos para que os continuadores desta realidade que é Selos & Moedas sintam os mesmos ideais que a alicerçaram, e que possuam renovadas forças que permitam engrandecer a revista e consequentemente prestigiar o nosso Clube dos Galitos.

A revista é feita para ti, caro Leitor, e para que ela corresponda aos teus ideais não tenhas acanhamento de enviar as tuas críticas construtivas, as tuas sugestões.

O fortalecimento da nossa actividade exige a tua indispensável cooperação, para realizarmos um fértil trabalho de conjunto.

Além da publicação de Selos & Moedas, a nossa Secção, durante 1964, tem labutado, dentro das suas limitadas possibilidades, impostas pela falta de tempo, para a expansão da filatelia.

Assim, em 21 de Março e na Sede, o nosso ilustre colaborador e amigo Snr. Dr. Jorge de Melo Vieira, debateu, em mesa redonda, o palpitante problema das temáticas e ainda versou a filatelia na generalidade; em 11 de Abril, uma representação deslocou-se a Matosinhos à Associação Recreativa Aurora da Liberdade para assistir à palestra «O que eu vejo nos meus selos» proferida pelo Dr. António Fragoso, nosso estimado colaborador, comemorativa do 1.º aniversário da Criação da Secção Filatélica daquela Colectividade; em 30 de Maio uma nossa embaixada foi até à «I Exposição de Divulgação Filatélica da Associação Desportiva EFACEC» dar o apoio à iniciativa e dar também um abraço ao nosso prezado amigo e colaborador Snr. João Campêlo, um dos organizadores da exposição; em 18 de Outubro uma caravana de directores e associados da nossa Secção foi a Lisboa entregar à Academia de Santo Amaro uma mensagem de agradecimento pela distinção com que nos honraram convidando-nos para participar na «I Exposição Intercolectividades de Cultura e Recreio». Bela jornada de confraternização e um grande passo em frente na colaboração interclubes; e vão realizar-se em 1 de Dezembro as celebrações do X Dia do Selo, com sessão comemorativa, exposição de selos e moedas, e jantar de confraternização. A exposição constitui desde já uma etapa importante na filatelia aveirense porquanto a afluência de participantes, em número de 47 (o ano passado 32), vem demonstrar o extraordinário interesse que os nossos associados têm devotado às suas colecções, melhorando-as, e por conseguinte perdendo o receio de se apresentarem em público.

Há ainda a referir mais uma iniciativa: a criação de bolsas filatélicas em Aveiro, que têm lugar aos domingos de manhã no café Trianon. Aqui se juntam muitos associados para procederem a trocas e conversar sobre o seu passatempo favorito.

Também é justo salientar o êxito alcançado pelos nossos associados na Exposição Internacional de Paris realizada em Junho e muito particularmente os aveirenses que pela primeira vez participaram numa exposição internacional, Snrs. José Morais Calado e Eng.º Paulo Seabra Ferreira ,ambos classificados com medalha de prata, e Carlos da Rocha Leitão com medalha de cobre.

Recentemente na Exposição Bancária o nosso associado aveirense Snr. José Henriques dos Santos obteve medalha de prata.

Não temos regateado esforços para o engrandecimento da nossa Secção. A nossa dedicação para o crescimento do binómio Filatelia-Amizade tem sido enorme. A única recompensa que aspiramos, é que a filatelia e a numismática possam contribuir para o desenvolvimento da cultura e arte, e a boa compreensão entre os homens num ambiente de franca camaradagem.

Resta-nos agradecer muito sincera e veementemente a todas as Entidades Oficiais e Particulares que de algum modo têm contribuido para o engrandecimento evalorização da Secção e da sua revista, cumprindo-nos destacar a Administração Geral dos C. T. T., a Administração Geral dos C. T. T. U., o Governo Civil de Aveiro, a Câmara Municipal de Aveiro, a Imprensa e os nossos prezados Colaboradores.

A todos saudamos com amizade e desejamos um Bom 1965

A DIRECÇÃO

biblioteca

O Club Filatélico de Portugal

Constituiu a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos seu

SÓCIO DE HONRA

Durante a sessão solene de encerramento da «I Exposição Filatélica Intercolectividades de Cultura e Recreio», organizada pela Academia de Santo Amaro e com a participação da nossa Secção, tivemos o grato prazer de receber o diploma de SÓCIO DE HONRA do Clube Filatélico de Portugal, o qual nos foi entregue pelo seu ilustre presidente Ex.mo Sr. Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, que nessa mesma sessão proferiu uma conferência subordinada ao título «Motivos, Finalidades e Vantagens da Filatelia».

Tão distinto grau honorífico conferido pelo Clube Filatélico de Portugal à Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos fica a assinalar a colaboração leal e amistosa que sempre tem havido entre os dois clubes.

Ao Clube Filatélico de Portugal expressamos os mais vivos agradecimentos pela deferência havida o que sobremaneira nos honra.

MODELO

A Academia de Santo Amaro

Sócio de Mérito da Secção Filatélica dos Galitos

A SECÇÃO FILATÉLICO-NUMISMATICA da Academia de Santo Amaro, organizou, de 7 a 15 de Outubro de 1964, a «I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTERCOLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO», tendo convidado a sua congénere Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos para expôr em conjunto com os seus associados.

A finalidade do ciclo de exposições agora iniciado é divulgar e criar maior interesse pela Filatelia e estabelecer um intercâmbio benéfico e amistoso para todos os filatelistas das Colectividades de Cultura e Recreio.

Para esta I EXPOSIÇÃO INTERCOLECTIVIDADES foi convidada a nossa Secção — pois já eramos bons amigos — e esta distinção e honra permanecem bem gravadas nos nossos corações. Estamos profundamente gratos à A S A por esta tão grande deferência que ficará a marcar, cremos, uma etapa gloriosa para a expansão da filatelia e promoção da amizade entre clubes com secções filatélicas.

Em reconhecimento de tão desvanecedor convite a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos teve a grande satisfação de constituir a Academia de Santo Amaro seu SÓCIO DE MÉRITO, cujo diploma foi entregue na sessão solene de encerramento da exposição em 18 de Outubro de 1964.

Esta feliz iniciativa da A S A que resultou numa bela jornada de filatelia e confraternização, foi por nós abraçada com todo o carinho pois representava os nossos próprios anseios.

Fazemos sinceros votos para que estas tão notáveis realizações se multipliquem sem cessar para BEM da FILATELIA.

A FAMOSA LENDA DA ILHA MAURÍCIA

ERA uma vez um relojoeiro que se chamava José e também era entendido nas artes da gravura. Vivia à beira do mar, do mar que dantes fora de mistérios e lendas. O dito mar era ainda o mar das Indias, mas os seus mistérios já os desvendara, havia longo tempo, o poderoso génio português.

A cerca de novecentos quilómetros a nascente de Madagáscar, repousava feliz, na doçura da sua típica vegetação, a pequenina ilha Maurícia. E na sua capital, Porto Luís, residia o citado relojoeiro José, aliás Joseph, de apelido Barnard.

Era nas vésperas do Natal de 1846. Já pelo mundo circulavam, colados no endereço das cartas, o busto elegantíssimo da Rainha Vitória, os dois irmãos gémeos de Zurique, os «olhos de boi» do Império Brasileiro, o duplo cantonal de Genebra, o general fundador dos Estados Unidos; e por sobre todos eles adejavam, como de fada protectora, as asas brancas da «pomba de Basileia».

E foi então que o Governo da ilha Maurícia resolveu adoptar o novo sistema do selo postal adesivo de franquia prévia. E foi nesse mesmo instante que se colocou no seu devido lugar a primeira pedra da famosa lenda filatélica, que se vai agora contar em muito breves palavras.

ILUSTRIA

*

Joseph Barnard era, em toda a ilha, a única pessoa capaz de executar aquela decisão do Governo. Por isso, foi ele que no mês de Maio de 1847 recebeu a respectiva encomenda.

Gravar-se-iam dois selos e seriam eles semelhantes — na forma, nas dimensões e nas taxas — aos dois selos adesivos da Grã-Bretanha, de 1840. Barnard recebeu, **por via oral** — conta-nos a lenda — as necessárias instruções, incluindo as que se referiam às legendas destinadas às quatro margens dos selos.

Assim, oralmente documentado, Barnard entrou na sua oficina de Porto Luís e começou por gravar o busto da Rainha. Quando chegou ao capítulo das inscrições marginais, ficou embaraçado: tinha-se esquecido da palavra que devia figurar na margem esquerda das duas estampilhas.

Suspendeu, por isso, o trabalho e, para avivar a memória, dirigiu-se a casa do seu respeitável cliente. Ao chegar, logo viu, por sobre a porta de entrada, a respectiva tabuleta «POST OFFICE». E julgando — continua a lenda — julgando ser aquela a palavra esquecida, o nosso artista não quis saber de mais nada, regressou à oficina e naqueles termos acabou a tarefa interrompida.

Barnard — conclui a famosa lenda — enganara-se redondamente na inscrição da margem esquerda: era «POST PAID» (Porte Pago) e não «POST OFFICE» (Repartição do Correio) a palavra que lhe tinha sido encomendada e que ele tão fàcilmente esquecera.

E assim começaram a circular, em 21 de Setembro de 1847, os dois primeiros selos da ilha Maurícia, primeira colónia inglesa que procedeu à emissão de selos postais adesivos.

«Monumentalísimo y valiosísimo error filatélico» lhes chamou Max Büttner, na tradução espanhola de J. O. S. (1).

Famosíssima lenda lhes chamaremos nós, elevando ao grau superlativo o adjectivo do título da presente crónica. Famosíssima e refinadíssima lenda, podemos também acrescentar, com inteira propriedade. Com efeito... — Mas ponhamos aqui um asterisco e descansemos um instante.

*

Não é preciso grande esforço para demolir o alicerce e, com ele, todo o castelo da lenda. Contido naquele indispensável postulado das **«instruções orais»**, o dito alicerce foi aberto no areal inconsistente das coisas inverosímeis. Efectivamente, pode alguém acreditar em semelhantes histórias?... Como é que naqueles meados do século XIX, ainda que fosse lá nas longuras do Oceano Índico, embora fosse naquela minúscula ilha perdida por detrás da grande Madagáscar, como é que naquele tempo — repito — se podiam admitir tão levianos processos de tratar tão importantes assuntos?... Instruções orais?!...

Aos arquitectos da lenda só faltou dizer — como fecho da cúpula do seu famoso edifício — que as **«instruções orais»** do Correio-mór de Porto Luís foram dadas a Barnord por via oral mediata, isto é, por intermédio do telefone... que Graham Bell não tinha ainda inventado!... E nem ao menos se lembraram os ditos arquitectos de que a ilha Maurícia era então dirigida por gente civilizada e metódica, em cuja metrópole nascera o «penny black» da Rainha Vitória, que viria a ser o mais belo selo adesivo de todo o século XIX...

Não bastará este simples e claro raciocínio para derrubar a famosa lenda da ilha Maurícia? — Pois então folheemos o **Inventário das inscrições nominais nos selos de correio** e dele retiremos o argumento que me parece decisivo. Por outras palavras, vejamos o que a respeito do tal «POST OFFICE» se passou ao redor da ilha Maurícia, antes daquele ano de 1846.

Usaram-se selos fixos (digamos **carimbos,** na linguagem vulgar) com a legenda «POST OFFICE» ou «GENERAL POST OFFICE», ou apenas com as respectivas iniciais, nas seguintes terras e tempos:

1) A sudeste da ilha Maurícia, na colónia inglesa de Nova Gales do Sul, de 1830 a 1846. (Recorde-se, nesta colónia, além dos carimbos, o inteiro postal de 1838, que circulou, pelo menos, até 1846, com a legenda «GENERAL POST OFFICE»).

2) A nordeste, na Índia Inglesa, de 1818 a 1846.

(1) *Romanticismo de los sellos de Correos.* Madrid 1942.

3) A sudoeste, na colónia do Cabo, de 1806 a 1846.

4) A noroeste, na própria metrópole inglesa, onde a legenda «POST OFFICE» já nos aparece no derradeiro quartel do século XVIII.

5) E se transpusermos a África e o Atlântico, também na direcção de noroeste, lá iremos encontrar o «POST OFFICE» nos Estados Unidos. Mas aqui, ponhamos de lado os carimbos e citemos apenas os casos, já então existentes, de selos adesivos com a legenda «POST OFFICE». São eles os selos das chamadas emissões dos Correios-mores, de Alexandria, Brattleboro, Millbury, New-York, Saint Louis, no total de 12 selos, aparecidos em 1845 e 1846. Na fig. 1 se reproduz um dos dois selos de Nova Iorque, de 1845.

Fig. 1

Se agora, depois de lido este rol, olharmos para o mapa-mundo, verificaremos que a ilha Maurícia era, naquele tempo, uma verdadeira **península**, cercada de «POST OFFICE» por todos os lados, excepto por um, que era o lado sul. Pra esses lados do sul, eram os caminhos desertos, direitos às geladas solidões da Antárctida, onde, aliás, se não escreviam nem selavam cartas.

Em busca de exemplos que porventura tivessem levado as autoridades postais de Porto Luís à escolha da legenda «POST OFFICE» para os seus primeiros selos adesivos, largámos nós da sossegada ilha, e fomos dar a inteira volta ao Mundo. E para quê, Santo Deus, se nos correios da própria ilha Maurícia encontraríamos a famigerada legenda a sugerir a referida escolha? — Com efeito, os correios mauricianos usaram carimbos de legenda «POST OFFICE» a partir de 1829 e até para aquém de 1846, facto com que muito bem se argumenta no Enciclopédia editada por Robson Lowe. Assim, por exemplo, os carimbos da Fig. 2 usaram-se respectivamente em 1829/1830 e 1834/1833. (2).

É certo que em todas aquelas regiões do rol sempre se usaram carimbos de legenda «POST PAID», contemporâneos dos carimbos de legenda «POST OFFICE». Mas recordemos neste passo, o pormenor importante: era então excepcional, tanto na Europa, como nas paragens do Índico, como em toda a parte, o sistema do **Post Paid**, isto é, o sistema do pagamento prévio do porte das cartas.

Fig. 2

A meu ver, na escolha da legenda dos selos adesivos da Maurícia, as coisas ter-se-ão passado da maneira seguinte.

Para os dois selos de 1847, preferiu-se a legenda «POST OFFICE» por duas importantes razões. Em primeiro

(2) Gravura reproduzida do segundo volume da obra *The Encyclopaedia of British Empire Postage Stamps.* (Robson Lowe, Ltd. — Londres 1949).

lugar, porque era essa a legenda mais utilizada nos carimbos constantemente aplicados, na quase totalidade das cartas; em segundo lugar, porque o novo selo adesivo, trazendo em si a indicação da taxa, já por si só indicava que o porte estava pago. Na verdade, o selo adesivo funcionava como verdadeiro papel-moeda, cuja entidade emissora era a repartição dos Correios, expressamente indicada nos selos pelo seu próprio nome de POST OFFICE: exactamente o que sucede com as notas de banco, onde sempre figura o nome do respectivo banco emissor. Com aquele papel-moeda colado no endereço, o remetente pagava o prévio salário de quem ia transportar a carta ao seu destino. Seria, portanto, supérflua a palavra **Post Paid.**

Em 1848, por motivos mais difíceis de conjecturar, preferiu-se a legenda «POST PAID». Houve talvez a intenção de tranquilizar o espírito daqueles que no começo do novo sistema se teriam mostrado mais relutantes ou cépticos. E nós sabemos como os cépticos são naturalmente numerosos nas grandes inovações revolucionárias. Talvez que tais ingénuos ou desconfiados só acreditassem na franquia prévia, mediante aquela explícita declaração de «POST PAID».

Do que fica exposto, decorre a conclusão que me parece, pelo menos, lógica: — Pelas razões conjecturadas ou por quaisquer outros motivos naturais, optou-se pelo «POST OFFICE» na emissão de 1847; e na emissão de 1848, houve deliberada mudança para «POST PAID». O que não houve, com toda a certeza, foi erro ou distracção, do gravador Barnard, ou de quem quer que fosse...

E ocorre perguntar agora: — Foi também por erro dos gravadores que surgiu a legenda «POST OFFICE» naqueles 12 selos adesivos dos Correios mores dos Estados Unidos? E foi também por distracção ou erro que se gravou, nos nossos selos de D. Maria, aquela palavra «CORREIO», paralela ao «POST OFFICE» mauriciano e que ainda hoje perdura nos selos portugueses? — Não seriam demasiados erros, com igual direito a outras tantas lendas, mais ou menos romanceadas e mais ou menos inverosímeis?...

*

Já me pesa na consciência o remorso de ter contribuído para a demolição da lenda mauriciana, no ânimo daqueles que nela ainda acreditavam. É que a Lenda e a sua irmã Ilusão sempre de nós deviam receber os afagos da ternura, jamais os nossos gritos de guerra. Porque elas são, na verdade, as fadas benfazejas que suavizam as agruras da História ou da vida, tal como a Distância amacia as asperezas da paisagem.

Esqueçamos, pois, tudo quanto eu disse; e continuemos a aureolar a história da pequena ilha Maurícia com os dois episódios que a tornaram notável, e se referem respectivamente aos séculos XVIII e XIX: a poética ficção dos amores de Paulo e Virgínia, de Bernardin de Saint-Pierre; e a famosa lenda filatélica, do relojoeiro e gravador Barnard...

pelo

DR. ANTÓNIO FRAGOSO

LUSBIA

O do ABC da NUMISMÁTICA

5 AS MOEDAS "PRÉ-PORTUGUESAS"

C) — *Numária Sueva e Visigoda*

bibRIA

JÁ vimos que o Império Romano do Ocidente, com a sua capital em Roma, foi abolido por um acto de força de Odoacro, rei dos hérulos, que destituiu das suas funções, no ano de 476, o imperador Rómulo Augusto. Não se pense, todavia, que Odoacro, já investido de régias prerrogativas por eleição do seu povo, haja tomado para si o ceptro imperial.

Aquilo que, com as suas rivalidades, os chefes romanos não haviam conseguido, isto é, manter ou restaurar a unidade do Império, pois este vinha sendo governado por dois chefes, um em Roma e outro em Bizâncio, consegue-o Odoacro que, fiel aos tratados firmados com o Império, procura manter a sua integridade territorial entregando a chefia do Ocidente ao Imperador de Constantinopla.

Este facto, subordinação dos reis bárbaros aos Imperadores do Oriente, vem determinar um novo período na amoedação na península, período em que os numismas embora cunhados por estes reis, traduzem a sua fidelidade ao Império, pois apresentam sempre a efígie do Imperador Oriental.

Podemos, seguindo um critério histórico e de praticabilidade dividir a numária sueva-visigoda em três períodos, cada qual bem diferenciado:

pelo DR. RAUL GONÇALVES

1.º) — De colaboração com o Império Romano do Ocidente — de 409 a 476.
2.º) — De colaboração com o Império Romano do Oriente — de 476 a 585.
3.º) — Período de numária visigoda pròpriamente dita de 585 a 711.

A presença dos bárbaros na península data do início do século V; de costumes e índole diferentes dos povos locais e dos dominadores romanos, resultou desta presença uma verdadeira revolução político-social que profundamente modificaria os hábitos e a maneira de ser dos povos peninsulares. Homens livres, verdadeiras nações em marcha como diz Newton de Macedo no capítulo que subscreve na edição monumental de Barcelos da Históríoa de Portugal, escolhendo livremente, por eleição, os seus chefes, viriam vibrar rude golpe no sistema político romano no qual o povo não interferia na escolha dos governantes.

Oriundos do norte da Europa, onde as condições climatéricas lhes eram desfavoráveis, dados à pastorícia e um pouco ao cultivo das terras, os germânicos invadiram a Europa Central ocupada pelos Celtas avassalando este povo. Esta designação de **germânicos,** termo celta que significa vizinho, era dada por estes a todos aqueles povos que com eles tinham fronteiras comuns: alanos, alamanos, suevos, vândalos, hunos, etc., todos eram englobados sob esta designação.

Demandando terras onde as condições climatéricas lhes proporcionassem melhores condições de vida, invadiram a Gália então ocupada pelos francos que, mercê do facto de nunca haverem perdido o contacto com o seu país de origem, se mantinham fortes e lhes puderam dar luta em condições vantajosas, forçando-os a derivarem para o ocidente.

Num salto transpirenáico surgem na Ibéria, dominada pelas águias romanas, no dealbar do século V como já atrás dissemos.

Lutando contra as legiões, outras vezes aliando-se com elas, os suevos e os visigodos acabaram por compelir a retirarem-se para o Norte de Africa, tanto aos alanos como aos vândalos.

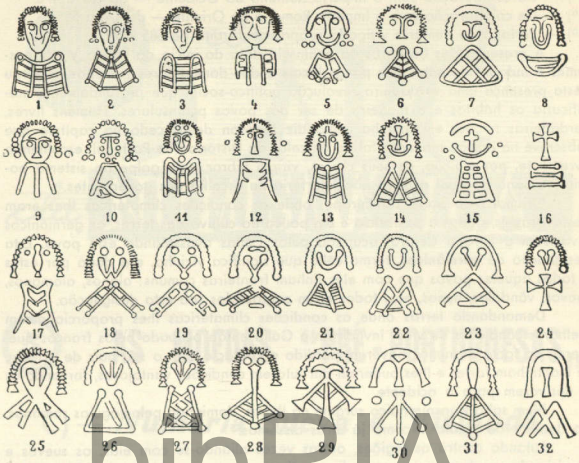
Com o campo livre na península as hordas bárbaras suevo-visigodas vão constituir problema de difícil solução para as autoridades romanas.

As **hordas,** (o sublinhado é nosso) não eram constituidas por bandos de homens armados sem qualquer organização ou disciplina.

Verdadeiras nações em marcha, sublinhe-se mais uma vez, sem saber para onde marchavam, mas sabendo o que queriam eram conduzidos por grandes chefes, mantinham uma rígida disciplina tanto física como moral, tinham leis que

Sólido suevo de Honório (está aumentado cerca de duas vezes. Note-se a gárfila com disposição radial que não existe nos sólidos romanos)

SUBRIA



ESTILIZAÇÕES DE BUSTOS HUMANOS EM MOEDAS VISIGÓTICAS DE ESPANHA

1 – Moeda de Leovigildo, cunhada em *Reccopolis* (cidade desaparecida na confluência do Tejo e do Guadiana). 2 – Leovigildo. *Toletum* (Toledo). 3 – Leovigildo. *Reccopolis*. 4 – Recáredo. *Barcino* (Barcelona). 5 – Chindasvinto. *Toletum*. 6 – Viterico. *Palentucia* (localidade indeterminada). 7 – Chindasvinto. *Hispalis* (Sevilha). 8 – Suintila. *Georres* (Valdeorras). 9 – Recaredo. *Olocasso* (Olibes?). 10 – Recaredo. (?). 11 – Recáredo. *Reccopolis*. 12 – Chintila. *Emerita* (Merida). 13 – Viterico. *Laetera* (Ledera ou Latra). 14 – Sisebuto. *Mentesa* (La Guardia). 15 – Vitiza. *Tarraco* (Tarragona). 16 – Vamba. *Eremita*. 17 – Chintila. *Valentia* (Valencia). 18 – Suintila. *Georres*. 19 – Suintila. *Acci* (Guadix). 20 – Sisenando. *Narbo* (Narbonne). 21 – Chindasvinto. *Hispalis*. 22 – Sisenando. *Corduba* (Cordova). 23 – Suintila. *Ventosa* (localidade indeterminada). 24 – Chintila. *Corduba*. 25 – Viterico. *Lauculo?* 26 – Chintila. *Castulo* (Cazlona). 27 – Chintila. *Petra* (localidade indeterminada). 28 – Viterico. *Saldania* (Saldaña). 29 – Chindasvinto. *Mave* (Mabegonda). 30 – Suintila. *Asturica* (Astorga). 31 – Chindasvinto. *Petra*. 32 – Chintila. *Lucus* (Lugo).

(Reproduzido da História de Portugal, Edição Monumental de Barcelos)

cumpriam fielmente e perfilhavam até uma religião, o cristianismo, que praticavam activamente. As hordas eram constituídas não só por soldados disciplinados, verdadeira **massa combatente** e protectora, mas também por todos os seus familiares homens, mulheres e crianças, **massa trabalhadora,** executando as mais variadas arte e ofícios do labor cotidino, todos assistidos espiritualmente pelos seus sacer-

dotes. Consigo traziam todos os seus haveres fundamentalmente constituidos por gados, ferramentas e utensílios.

Povos forçados pelas circunstâncias, e apenas temporàriamente, às condições de nómadas, processando uma das grandes migrações da história, enquanto não conseguem fixar-se ao solo têm de lutar pela sua sobrevivência.

Duras batalhas travam contra os íncolas e o dominador romano, a sorte das armas hoje desfavorável amanhã por si, acabando por ficar e assinar tréguas com os locais por mais de uma vez.

Numa destas fases de apaziguamento entendem-se com Roma e dizem ao que vêm: buscamos terras onde nos possamos fixar e trabalhar pacificamente; encontrámos aqui aquilo que não tínhamos nos nossos brumosos e longínquos países: solo fértil e um clima excelente; nestas terras nos deteremos.

Honório, imperador de Roma, ouvidos os governadores das províncias hispânicas, deitadas contas aos gastos já feitos com a guerra, defere a apelação. As terras são divididas.

Tem lugar então um tratado pelo qual se estabelece o **modus vivendi** da coexistência de dois povos distintos no mesmo território. A sua característica basilar é o **foedus,** isto é, a vida em federação, na qual os dois estados sobrevivem, mantendo cada qual a sua administração, os seus chefes, os seus exércitos, os seus hábitos, costumes e crenças.

Não se prevê, pelo menos a curto prazo, a assimilação ou inter-penetração de um povo pelo outro, de uma civilização pela outra: esta far-se-à lentamente, tanto mais lentamente quanto é certo que, embora tratando-se de povos professando uma mesma fé — o Cristianismo — uma causa de ordem religiosa profundamente os separa: os romanos e os povos indígenas fieis a Roma e à Santa Sé praticam o **catolicismo;** os reis suevos e visigodos, e os seus povos, são sectários do **ananismo.**

Degladiam-se as duas igrejas lutando cada qual por impôr a sua verdade; a católica, no entanto, por mais bem organizada, mais numerosa, dispondo de superiores meios materiais para a luta, e, sobretudo, porque a sua voz é a voz da razão, acaba por sair vitoriosa.

Manda à península grandes evangelizadores que lutam denodadamente contra o ananismo. Figuras categorizadas da envergadura de S. Martinho de Tours e S. Martinho de Dume convertem ao catolicismo numerosos suevos e visigodos. Parece ter-se iniciado em Requiário (448-456), rei dos suevos, o movimento de conversão que no final do século VI estaria pràticamente terminado. Com a conversão das monarquias sueva e visigoda radicar-se-ia a tradição cristã dos povos da península ibérica. A numária destes povos seria por estes factos influenciada; o culto dos imperadores e o culto de Vitória, patenteado na numária romana seria substituído; a cruz, símbolo da sua indefectível adesão à religião de Cristo em toda a sua pureza aparece nas suas moedas, por largos séculos aí se mantendo, chegando até aos nossos dias. Até a numária da República e do Estado Novo a patenteia. Alguém duvidará que não seja o símbolo do cristianismo a disposição das quinas no escudo nacional?

LIBERTA

Falemos agora um pouco sobre as moedas cunhadas pelos suevos. Estabelecido o modus-vivendi com Roma, repartidas as zonas económicas de influência terão em certa altura os suevos, como os visigodos, sentido, por expansão do seu comércio e aumento do volume das trocas, necessidade de aumentar o seu numerário; as fracções de prata e cobre de origem romana ou ibero-romana eram abundantíssimas, como o foram ainda por alguns séculos; o ouro rarearia mais e era mais necessário; por sua vez nos territórios onde se encontrava situado este reino continuava a mineração do metal nobre.

Com o beneplácito de Roma — conjecturamos que tenha sido assim — Hermenérico (409-438), terá iniciado a cunhagem dos solidus aureus.

Roma terá imposto as suas condições ou, talvez antes, dado as suas instruções: moedas do mesmo teor metálico, mesmo pêso, mesmas dimensões, mesmas características enfim, das moedas romanas.

No anverso o busto do imperador reinante — Honório — no reverso o mesmo, de pé, pisando um cativo e empunhando um estandarte encimado pela Vitória. Legendas latinas. Terão sido fornecidas às oficinas monetárias de Braga e Lugo para servirem de modelo alguns exemplares cunhados nas oficinas de Milão (Mediolanum) motivo porque estes soldos suevos apresentam no reverso as letras monetárias M e D. Constituem reprodução imperfeita, certamente por falta de pessoal habilitado e de instrumental adequado. Algumas décadas após a morte de Honório ocorrida em Janeiro de 423, ainda os suevos cunhavam moedas com a efígie deste imperador. Culto à sua memória, preito de gratidão pela sua anuência à partilha das terras permitindo a sua fixação na península?

Láscaris Comneno no seu trabalho intitulado «Las copias suevas de los solidus de Honorio» (vide NVMVS - N.º 17 - Vol. V — Setembro de 1958) faz ressaltar esta anomalia cronológica bordando sobre tal facto judiciosas considerações.

Pela nossa parte embora o que pensamos não passe de mera conjectura, simples hipótese que de forma alguma adotaremos como tese, as coisas ter-se-ão passado com mais simplicidade. Morto Honório, cumpria à administração romana transmitir a Braga e a Lugo novas instruções e fornecer novos modelos para serem copiados.

As dificuldades de comunicação com o noroeste da península onde se situava o reino suevo, a semi-independência, quase autonomia, deste reino, o abrandamento da fiscalização, um quase largar de mãos da administração por parte dos romanos, faltando com novas instruções e novos modelos e a fidelidade dos suevos aos compromissos tomados, poderão talvez constituir uma explicação para esta discordância cronológica, que nos parece ser única na história da numismática.

O sólido suevo, que inicialmente tinha o peso do sólido romano, uns setenta e dois avos de libra (327 gs.: 72=4,54 gs.) e o mesmo toque, foi, com o correr dos tempos, alterado nas suas características baixando tanto a liga como o peso, fixando-se nos últimos exemplares cunhados à volta de 3,60 gs. Estes sólidos assim rebaixados circulavam ainda nos primeiros reinados da monarquia portuguesa; são citados nos documentos da época com a designação de solidus gallecanos para os diferençar dos solidus romanos, de maior valia.

Tal como os romanos, cunharam também os suevos, um submúltiplo do solidus — **o triente** — a terça parte do solidus, que como este viu o seu peso baixar para cerca de 1,20 gs.

Os suevos cunharam ainda (Requiário) alguns denários de prata, também de Honório, mas não se detiveram muito nesta amoedação; isto se explicará, como já atrás dissemos, pela grande abundância deste metal ou talvez porque Roma haja vetado a sua produção.

A título de curiosidade fornecemos uma lista dos reis suevos da Galiza, fazendo-se notar que existe uma lacuna entre Ramismundo e Carriárico (468-550) período em que a História se queda em grande escuridão por falta de documentos. Parece, todavia, que neste período os suevos terão eleito e sucessivamente eliminado cinco ou seis monarcas.

Sequência dos Reis suevos

Hermenérico	409 - 438
Réquila	438 - 448
Riquiário	448 - 456
Fratão	— - 457
Masdrão	457 - 460
Requimundo	4 - 465
Frumário	460 - 463
Remismundo	465 - 468
...	...
Carriárico	550 - 559
Teodomiro	559 - 569
Ariomiro	— - 561
Miro	569 - 582
Albérico	582 - 583
Audica	583 - 585

A numária visigoda obedeceu às mesmas características da numária sueva, distinguindo-se desta porque foi reproduzida nos seus anversos as efígies imperiais, inicialmente dos senhores de Roma, em seguida dos chefes bizantinos.

Em 584, todavia, Leovigildo, após um período de lutas contra os romanos de Justiniano e os suevos de Audica, domina toda a península; termina a monarquia sueva e começa a grande monarquia visigoda que só em 711 com a invasão árabe começaria a desmembrar-se.

Senhor da península e cioso do seu poder, Leovigildo, cortados os laços que os ligavam aos romanos, inicia a série de moedas apresentando no seu anverso as efígies dos reis visigodos.

É apaixonante o estudo desta numária, dado o carácter de indisciplina artística de que se reveste; as legendas são em latim, por vezes latim bárbaro; a efígie real não procura reproduzir as feições correctas do monarca, limitando-sea apresentar curiosíssimas estilizações de figuras humanas; no reverso,

oibRIA

quase sempre uma cruz sobre uma série de degraus, representativa de um altar, à maneira bizantina; ainda no reverso vem registado o nome da **ceca** (oficina monetária) dando-se no entanto em algumas, às letras que o constituem, por vezes, uma disposição tão fantasiosa que chega a constituir verdadeiros quebra-cabeças a sua leitura.

A numária visigoda, como a numária sueva, sofreu, com o decorrer dos tempos, as mesmas vicissitudes. Os solidus e os trientes visigodos viram a sua liga empobrecida e o seu peso diminuido, fixando-se nos mesmos limites de cerca de 3,60 gs. e 1,20 gs. (1,25 — 1,15).

O triente, também designado **trenisis**, constituiu pràticamente a unidade **base da amoedação visigoda, a traduzir já uma maior divisão das riquezas.**

O seu pequeno tamanho, o de um botão de colete, torna bastante difícil a leitura das suas legendas, mais dificultada ainda pela má execução das mesmas. As oficinas monetárias, ou cecas, onde era cunhada a moeda visigoda, situavam-se na sua maioria no território hoje ocupado por Portugal. A Elias Garcia, grande numismólogo e grande apaixonado da numária visigoda, dá-nos no seu estudo intitulado «As moedas Visigodas da Lusitânia» (Guimarães-1950) a descrição de um conjunto de numismas provenientes das seguintes cecas: Emerita, Elvora, Valentia, Contosolia, Egitania, Monecipio, Aeminium, Veseum, Coleia, Totela, Lamecum Caliabria e Salmantica.

Braga e Bragança que não pertenciam à Lusitânia, mas sim à Galiza, também cunharam moeda visigoda. Na cidade do Porto (Portuscale) também terá sido cunhada moeda visigoda. A lista que se segue refere-se aos reis visigodos a partir de Leogivildo até Roderico, isto é, desde a libertação dos Godos da tutela romana até à invasão da península pelos árabes de Tarique em 711.

LIBRIA

Reis visigodos

Leovigildo	573 - 586
Hermenegildo	579 - 585
Recáredo I	586 - 601
Liuva II	601 - 603
Vitérico	603 - 610
Gundemaro	610 - 612
Sisebuto	612 - 621
Recáredo II	621 - —
Quintila	621 - 631
Judila	631 - ?
Sisenando	631 - 636
Chintila	636 - 640
Tulga	640 - 642
Chindasvindo	642 - 653
Recesvindo	653 - 672
Suniefedro	672 - ?
Vamba	672 - 682

Ervígio	**680 - 687**
Égica	**687 - 700**
Vitisa	**700 - 710**
Roderico	**710 - 711**

Finalizaremos estas notas, esclarecendo que, ao contrário da numária romana, que nos deixou inúmeros tesouros ocultos, que com frequência são nos nossos tempos trazidos à luz do dia, a numária suevo-visigoda raríssimas vezes tem mostrado que estes povos se dessem à prática da ocultação. Talvez pela sua ancestralidade de povos nómadas jamais hajam perdido o hábito de conduzirem sempre consigo os seus haveres. Enfrentando corajosamente os inimigos, retiravam lentamente quando as forças adversárias eram superiores; cercados, lutavam até a morte, até ao extremínio total, não lhes interessando, por isso, ocultar os seus tesouros.

É escassa, portanto, a numária suevo-visigoda dos nossos dias; os achados são quase sempre constituídos por exemplares isolados.

O último de que temos conhecimento teve lugar na cidade do Porto, há poucos anos ainda, ao proceder-se a uma modificação de nível do antigo largo da Cividade, quando da abertura da avenida que liga a ponte D. Luís à praça de Almeida Garrett.

Seria um triente de Gundermarus, o qual se encontra integrado na valiosa colecção de um distinto numismata portuense.

bibRIA

Além de materiais para construção, produzem ainda as FÁBRICAS JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS, FILHOS, louça sanitária, doméstica e decorativa, branca e cor, em grés fino (quase porcelana)

«HOBBY» AUTÊNTICO

por

HEITOR FENÍCIO

MÉDICO

A coleccionação de selos foi, desde os seus primeiros dias de nascimento, um «hobby» acima de tudo. E como «hobby», exige de nós simplesmente um dever: — a sensação de prazer, um distrativo. Mas, com tanto que esse prazer não interfira em nossa vida profissional. Desde que prejudique os afazeres cotidianos, afastando-nos do trabalho normal, deixa de ser «hobby», transformando-se em vício, comércio ou outra coisa qualquer, menos «hobby».

O «hobby» dos «hobbies» mais apreciado, em todos os tempos, foi e é o selo postal. Em princípio, apreciava-se o rectângulo colorido, apenas, pela sua confecção, côr, papel, espessura do mesmo, goma, modo de fabricação, acidentes eventuais de emissão, como se fora lesão patológica de um organismo. Os aleijões valem milhões. Contra todos os princípios, o selo quanto mais defeitos apresenta, mais valor tem. Paradoxos de uma função estática. Com o decorrer dos tempos a sua confecção acompanhou a evolução da ciência gráfica e pictórica. As máquinas substituiram a mão do homem na sua fabricação, dando ao selo postal aspectos estáveis. Daí surgiu mais homogeneidade na sua emissão, estandartizando-se mesmo, podemos dizer, a sua fisionomia, a sua fabricação, e proletarizando-se a procura. As raridades são mais difíceis. Saem os selos aos milhões das fornalhas, o que impede, até certo ponto, a sua exploração. As anomalias de papel, coloração, etc., são mais raras. As máquinas de alta precisão dão uniformidade, perfeição, rapidez e quantidades, em menor tempo e esforços, as emissões mais variadas e pitorescas. As mil e uma distorções, toda a patologia filatélica que alimenta o corpo e a alma dos selos clássicos vai, paulatinamente, restringindo-se aos seus limites próprios. Entretanto, num mimetismo estupendo e mesmo renovador, uma jovem modalidade de coleccionação vai tomando corpo, crescendo aos nossos olhos, com garridices de mulher amada, apossando-se gulosamente dos sentidos e do coração do filatelista século XX. Uma sequência da filatelia clássica. E a colecção por imagem também de base fundamentalmente histórica como passaremos a analisar.

OVO DE COLOMBO

Embora a gravura tenha caracterizado o primeiro selo postal, o «penny back», estampando o busto da Raínha Vitória, só recentemente,

se descobriu que esse pedacinho de papel não contém, apenas espessura, erros gráficos, picotagem, etc.... Também traz, na sua face principal, uma imagem, uma gravura, cujas características são portadoras de uma mensagem profundamente significativa para os filatelistas. Portanto, como parte de um organismo, de um todo, ela deve ser também estudada, aquilatada, cultivada, porque faz parte integrante do selo postal. Pois bem, há do lado oposto à goma, linhas mui significativas e de interpretações profundamente interessantes. Uma vez descoberto esse outro item, foi como se surgisse na vida da humanidade um novo ovo de Colombo. Estava ele presente, ao nosso lado, vis-à-vis, mas ninguém o via. A varinha mágica do moderno navegante deve-se o desencantamento da fada adormecida durante anos, Cinderela: — A Coleccionação Temática. Não foi por snobismo ou acaso que a Rainha Vitória figurou no primeiro selo. De lá, não poderemos tirá-la jamais. Então, mais um «hobby» se encarregou de projectar no espaço terrestre, a recém-modalidade de interpretação, de admiração, de prazer distrativo. Um conceito antigo que, sòmente agora, se via, se sentia, se amava com muito sentimento.

Não há nesse selo padrão, Rainha Vitória, apenas um semblante de mulher, nem tão sòmente uma face meiga de rainha. Através daquele rosto vemos a história da dinastia britânica e mesmo todo o passado do império bretão. A temática transcende, desse modo, à própria filatelia, penetrando nos vários sectores da actividade humana. Essa interligação e interpretação, só agora, era visível aos nossos olhos mortais. Aí, surgiu o ovo

Quem é o autor

O sr. Dr. Heitor Fenício é um tisiólogo de nomeada, não apenas em S. Paulo, onde exerce a nobre missão na luta contra a tuberculose, mas em todo o Brasil. O nome de Heitor Fenício, porém, não é grande apenas no campo das ciências médicas, é-o também, no da Filatelia.

As horas de lazer, preenche-as o distinto médico no estudo da ciência a que se dedicou ou ao da filatelia, que o deleita, estudando os selos que fazem parte das suas colecções e trabalhando com acerto e inteligência os temas que se propôs construir, dos quais cumpre destacar, por ser impar e cheio de interesse, «Indianismo brasileiro».

Quando há anos a Argentina levou a efeito a «TEMEX», Heitor Fenício foi dos principais medalhados e a sua participação uma das que mais se destacou e, no Congresso que sobre Temáticas então teve lugar, a sua palavra foi gostosamente ouvida e pode dizer-se que os seus conceitos vieram posteriormente a constituir lei.

Revistas, não apenas de S. Paulo, mas de todo o Brasil, que se dedicam à filatelia, disputam os seus artigos e bom será que aqueles que já se habituaram a contar entre os escritores filatélicos de projecção internacional, com categoria de Excelência, se vão habituando também a este outro valor imenso que se chama Heitor Fenício — a quem, como novo e ilustre colaborador nesta Revista — endereçamos os nossos cumprimentos e agradecimentos.

N. R.

BOPIA

de Colombo. A função dinâmica, filosófica, metafísica, poética da tarja postal tomou conta dos aficionados. Aí, entra pois a temática, a coleccção de selos pelo estudo da grafia, da imagem veterana, para dissecar esse outro particular de singular importância.

Por todas essas razões a Temática também se revela um «hobby» tanto quanto outros modos de coleccionar. Nasceu e cresceu com o primeiro selo. Sòmente ao estrabismo de alguns não era dado ver essa faceta: — a Imagem. E essa Imagem tem dado pano para mangas. Por ciume, zelo, saudosismo, sebastianismo, o coleccionador primevo quer tapar o sol com a peneira. Mas, como a luz do astro rei, é tão vasta a claridade da coleccionação temática, que será simplesmente impossível deter-lhe a luminosidade. Muitos aderiram ao seu credo e outros caem, por vezes, no ridículo, quando tentam interceptar seus passos.

CULTURA

Quando falamos em colecção pela imagem, lembramos o sentido lato da palavra cultura, porque justamente a ela (Temática) se deve a exigência do reestudo de todas as disciplinas que a ciência moderna nos dá através das Universidades do saber. A pintura, a história, a geografia político-social, a medicina, a botânica, etc. etc. estendem-se em páginas polícrómicas de modo infinito de pesquisas para bem e saúde de nosso intelecto, e alcançam as camadas populares. Porque, até, então, só se estudava nos selos a sua espessura, cor, papel, modo de fabricação, goma e toda a sua patologia, a sua teratologia intrínseca. Não vemos aí onde buscar a decantada cultura que estamos acostumados a ouvir e a usufruir no modo de coleccionar pela imagem. A Temática totaliza, realmente, a era do saber humanístico a que podemos com satisfação transmitir aos nossos descendentes.

PROPAGANDA

No sector de propaganda a imagem do selo mantém de um lado a outro da terra, não só um liame de paz entre os povos, mas também, num bom sentido, convite turístico para eventual candidato. «O selo, *diz Pongeti,* é uma nação posta a viajar». *Viajando, o rectângulo postal carrega no seu bojo os lagos, as montanhas, as cidades, o folclore, as efemérides, etc., de um povo a outro. Mostra a estratosfera e o infinito dos cosmos. Leva-nos até Deus.*

Da saudosa Espanha ouvimos, em tempos: — «Quando a estampilha se locomove é o mundo que se visita e se conhece». *Sem essa discutida imagem do rectângulo colorido nada disso se poderia dizer.*

PSICOSSOMATICA

No campo da psicossomática, a miragem da tarja colorida revela-se um bálsamo, tranquilizante inigualável, derivativo, um escape às múltiplas frustações dos seus coleccionadores aos atritos cotidianos. Goethe assim profetisou: — «Os coleccionadores de selos são pessoas felizes». *Sim, felizes porque o* «hobby» *dos* selos dá-nos a chave do mecanismo de «delivrance» *nos recalques...*

Que seria de Roosevelt, preso a quatro rodas de uma cadeira se não

IBRA

lhe fora dado ver, através da janela rectangular do selo postal, as belezas da terra, do mar e também do céu! Um derivativo para seu espírito atribulado. Um «hobby» *que lhe permitiu superar o complexo de inferioridade que lhe impôs a ausência da mutilidade das pernas e ainda ter a possibilidade de vir a ser o maior presidente dos U. S. A. e o mais querido das três Américas.*

Pascal, o génio gaulês, na sua presciência sentenciava: — «Só os que cultivam o silêncio das salas podem usufruir toda a beleza e o encantamento que a vida esconde aos olhos do homem da rua ...».

FILATELIA CIÊNCIA

Foi impressionado pela potência da linguagem gráfica que o 1.º Congresso Internacional de Filatelia, CIF/60, (Barcelona) lançou e fixou uma proposta, unânimemente, aceita pela «élite» mundial de peritos em filatelia, assim enunciada: — «Filatelia é ciência auxiliar da história. *Taunay, escritor brasileiro precedeu ao pensamento do Congresso quando sentenciava em livro didáctico: —* «O selo é um instrumento de veracidade histórica». *Fixa, perpetua e transporta através dos séculos a verdade dos factos presentes. Se houvera goma nos dois lados do selo ou apenas números, então, nunca teríamos a grande alegria que hoje nos proporciona a coleccionação chamada Temática. Jamais sobreviveria aos anos ...*

*

Aí, ficou provado, claramente, a falada cultura e que só o modo de coleccionar pela imagem pode proporcionar ao homem hodierno. Um «hobby» *real, no exacto sentido da palavra.* «Hobby» *autêntico que se estriba num facto histórico e positivo. A sua génese, como vimos, vem confirmada pela tradição. Está na própria face da primeira tarja postal, o mui conhecido* «penny black». *A Rainha Vitória sorri-nos. Jamais poderemos tirá-la de onde está indelèvelmente fixada ...*

E é o suficiente ...

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradoiro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes. A **Fábrica Aleluia** produz azulejos da melhor qualidade

A ATRACÇÃO DO POLO AUSTRAL

Introdução

Antárctida, a «Terra Australis Incognita» dos antigos nautas e geógrafos, teatro de extraordinárias e apaixonantes aventuras, só ao explorador moderno veio a revelar os seus segredos, as suas maravilhas, as suas paisagens agrestes, mas de estonteante beleza. Não admira por isso, que o Homem sempre se tenha sentido atraído por essa misteriosa terra austral; como não admira que esse fascínio logo tenha exercido a sua atracção sobre os filatelistas — sempre ávidos de novos conhecimentos — pois cedo começaram a reunir as peças filatélicas que perpetuam os feitos heróicos de tantos exploradores pioneiros, que assinalam tantas expedições que assombraram o Mundo.

Hoje, muitas dessas peças filatélicas, já clássicas, contam-se no número das raridades e são disputadas quando aparecem à venda, alcançando altos preços. Em contrapartida, modernamente, para cada nova expedição surgem variados e interessantes carimbos, de fácil aquisição, e abrem-se nos catálogos novas rubricas que registam belíssimos selos das Terras Austrais e Antárcticas Francesas, Território Antárctico Australiano, Territórios Antárcticos Britânicos, Dependência de Ross.

É assim que, reunindo em conjunto aqueles documentos clássicos e as modernas emissões essencialmente pictóricas, pode formar-se uma maravilhosa colecção temática, com possibilidades extraordinárias de especialização. Colecção difícil, sem dúvida, já que para a sua boa estruturação torna-se necessária grande documentação (no que respeita ao aspecto temático), não podendo, por outro lado, prescindir daquelas boas peças clássicas.

Como estabelecem as boas normas temáticas, sugerimos para uma colecção subordinada ao tema ANTARCTIDA, o «plano» que a seguir se expõe. Antes, porém, desejamos esclarecer:

a) Não se descrevem todas as explorações e expedições, mas sòmente as mais importantes;

b) Assim, apenas superficialmente se fala das inúmeras expedições à Antárctida nos anos recentes, embora todas (ou pelo menos a maioria) tenham sido assinaladas por obliterações especiais ou sobrescritos evocativos; este trabalho alongar-se-ia demasiadamente e seria muito difícil evitar omissões;

c) Os selos e peças filatélicas que se mencionam não constituem uma relação completa; constituem uma selecção representativa, ilustrando os assuntos focados;

d) Apesar de termos consultado

por

Jorge Luís P. Fernandes

SUPRA

vários livros e publicações filatélicas e não filatélicas (no final daremos as indispensáveis notas bibliográficas), não temos a veleidade de pretender esgotar o assunto, ou apresentar obra isenta de erros e falhas, pelo que contamos com a benevolência dos leitores;

e) Finalmente, resta dizer que os números indicados são do catálogo Yvert, a não ser que se especifique o contrário.

PLANO

I

DESCOBERTAS E EXPLORAÇÕES NA ANTARCTIDA — 1739/1911

1 — Os primeiros exploradores: Bouvet de Lozier, Marion Dufresne e Kerguelen Tremarec descobrem as ilhas Bouvet (1739), arquipélago Marion e Crozet (1772) e ilhas Kerguelen (1772); o capitão Cook efectua a primeira circum-navegação do Antárctico e atinge a latitude de 71°10′ sul (1772/1775).

2 — 1819/1821 — Bellighausen: descoberta das ilhas Pierre I e Alexandre I e circum-navegação do Antárctido; descobertas de outros exploradores.

3 — Dumont d'Urville encontra a Terra Adélia (1839/1840).

4 — James Clark Ross atinge a Grande Barreira e explora a Terra Vitória; chega à latitude de 78°09′ sul (1839/1843).

5 — Adrien de Garlache: primeira hibernação no Antárctido; explora o arquipélago de Palmer (1897/1899).

6 — Robert Scott faz a primeira tentativa para atingir o Pólo, parando à latitude de 82°16′ sul (1901/1904).

7 — Otto Nordenskjold explora a Península de Palmer (1901/1904); primeiro naufrágio no Antárctico.

8 — Jean Charcot explora a Terra de Palmer e descobre a ilha Charcot (1903/1905; 1908/1910)

9 — Ernest Shackleton atinge a latitude de 88°23′ sul, a 179 km do Pólo (1908/1909); descoberta do pólo magnético.

II

A CONQUISTA DO PÓLO AUSTRAL

1 — Roald Amudsen atinge o Pólo Sul a 11 de Dezembro de 1911.

2 — Robert Falcon Scott: exploração da Terra da Vitória; chega ao Pólo a 17 de Janeiro de 1912; morte do explorador e de seus quatro companheiros, na viagem de regresso.

III

AS DESCOBERTAS E EXPLORAÇÕES NA ANTARCTIDA DEPOIS DE 1911

1 — Shirase explora a Grande Barreira e a Terra Eduardo VII (1911/12).

2 — Douglas Mawson explora as as Terras Wilkes e Adélia (1911/1914); voos sobre o continente e descoberta da Costa Mac Robertson (1929/1931).

3 — Richard Byrd: sobrevoo do Pólo a 30 de Novembro de 1929 e

SUPERNOVA

descoberta de numerosas cadeias de montanhas; exploração da Península Eduardo VII e Terra da Rainha Maud (1933/1935); explorações terrestres e aéreas (1939/1940); comanda a Operação «High Jump» (1946/1947).

4 — Lincoln Ellswort efectua o primeiro voo transatlântico da Península de Palmer à Baía das Baleias (1935/1936); voos sobre a terra de Enderby (1938/1939).

5 — Diversas expedições americanas, russas, inglesas, chilenas, argentinas e australianas (1947/1951; 1950/1954).

6 — Expedições durante o Ano Geofísico Internacional (1957/1958).

7 — Encontro na Antárctica: Dr. Fuchs e Edmund Hillary (1957/1958).

8 — Expedição Sul Africana (1959).

IV

OS MAPAS DAS REGIÕES ANTARCTICAS E SUBANTÁRCTICAS

1 — As reivindicações territoriais.
2 — Magníficas figurações de mapas, nos selos do correio.

V

FAUNA

1 — Pinguins.
2 — Outras aves.
3 — Mamíferos.

VI

FLORA

1 — As couves de Kerguelen.
2 — Outros espécimes da restrita flora das regiões antárcticas.

(Continua)

bibRIA

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA?
inscreva-se como sócio da
SECÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DO CLUBE DOS GALITOS
receberá gratuitamente SELOS & MOEDAS
FOMENTE, DIVULGUE E PRATIQUE
F I L A T E L I A

Para as suas transacções bancárias, para os seus depósitos, para os seus descontos e transferências, lembre-se: **Banco Regional de Aveiro**

assim SIM

Filatelia construtiva sob o signo da amizade

I Exposição Filatélica Intercolectividades de Cultura e Recreio

LIBRIA

A Academia de Santo Amaro, agremiação de cultura e recreio, resolveu, através da sua secção filatélica, continuar no caminho da realização de exposições filatélicas, fora porém do âmbito intersócios, evitando repetições, sem qualquer interesse, para o fim a atingir — propaganda útil para a filatelia. Enveredou assim pela forma que no seu entender, melhor atingiria a sua ideia — organizar exposições em conjunto com todas as colectividades de cultura, recreio e desportivas, que possuam secções filatélicas.

Se a ideia for concretizada, (estou convencido que sim) será a mais benéfica campanha em favor da filatelia que eu conheço.

Os homens que estão a orientá-la não são de desânimos, garantia portanto de que a orientação prosseguirá até atingir o fim em vista.

De que eles são capazes aí está a primeira exposição delineada segundo os seus desejos, que teve como intervenientes a Academia de Santo Amaro e a secção filatélica do Clube dos Galitos, de Aveiro, que teve a honra de ser o primeiro convidado, dado o contacto que entre elas já existia.

Assim, no dia 7 de Outubro, pelas 21,30 horas, abriram-se, para a inauguração, as portas do teatro da Academia, onde se encontravam expostas 36 colecções, sendo 12 de Aveiro e 24 da Academia.

Procederam àquela inauguração os Ex.mos Srs. Engenheiro Manuel Gagliardini Graça, distinto Director dos Serviços Industriais dos C. T. T., Professor Doutor Carlos Trincão, ilustre Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, Rogério Telmo, Presidente da Direcção da A. S. A., Capitão Sidónio Pais, representante do Clube dos Galitos, José Rodrigo Dias Ferreira, em representação do Clube Filatélico de Portugal, Edmundo Nunes, da secção filatélica da A. S. A., Coronel Adriano dos Santos Macedo, Engenheiro Marques Gomes e António dos Santos Furtado, acompanhado de muitos expositores e sócios da Academia.

Aquelas personalidades examinaram com atenção as colecções expostas,

que acharam interessantes no seu conjunto, felicitando a Academia de Santo Amaro, por tudo quanto tem realizado em benefício da filatelia, agora com a colaboração de todas as colectividades congéneres, acção digna do maior louvor.

Na despedida, foram acompanhados até à porta, por todos os presentes.

Teve esta exposição uma nota de ternura e incitamento, que foi a admissão da classe juvenil, representada por 5 expositores.

Estes, apresentaram-se com plena liberdade, verificando-se que alguns já têm uma noção, ainda que vaga, — o que não admira dado a sua idade, — do que é coleccionar selos, pelo que poderão vir a ser, no futuro, bons coleccionadores. Faço votos sinceros para que assim suceda, pois a filatelia portuguesa precisa sempre de novos coleccionadores para poder ser bem representada, onde compareça.

Mais uma ideia a aplaudir da Academia de Santo Amaro. Oxalá os futuros organizadores de exposições lhes abram também as portas, que por isso, só merecerão louvores.

Também se efectuaram durante a exposição actos dignos do maior apreço, que deviam ser seguidos.

No dia 9, houve conversa de alguns expositores com a classe juvenil, incitando-os não só a prosseguirem, mas também que às suas colecções dessem esta ou aquela orientação, consoante o exposto — temática ou clássica —. Calculo que não deviam ter caído em saco roto, como é costume dizer-se, os conselhos dados, pois foram ouvidos com atenção e até por vezes formuladas perguntas pelos jovens coleccionadores.

Noite de sã filatelia esta. E tão grande foi, que se pensa criar uma escola de ensino na Academia, ideia desse grande e incansável Edmundo Nunes, que por certo vingará.

No dia 10, pelas 22 horas, «bate-papo», como agora se diz, — quando se trata de uma conversa generalizada, — acerca das colecções **temáticas** que se encontram expostas.

Dirigiu-o a ilustre filatelista e estudiosa das colecções temáticas Ex.ma Sr.ª D. Maria da Conceição Hernandez, apresentada pelo Ex.mo Sr. Dr. Jorge de Melo Vieira, que o fez com aquele brilho de sempre em tudo quanto aborda.

Não digo o que foi essa noite, porque ela mesmo o fará no seu artigo destinado à nossa Revista.

No dia 12, outro «bate-papo» desta vez sobre as colecções denominadas **clássicas,** pelo ilustre filatelista e cronista filatélico Dr. Jorge de Melo Vieira, de cuja apresentação se encarregou o nosso consócio Pimentel Saraiva, que traçou o perfil deste distinto crítico, o que lhe não foi difícil, dado tratar-se de uma pessoa sobejamente conhecida de todos os coleccionadores.

Foi brilhante a sua maneira de comentar, chamando a atenção para algumas coisas que reconheceu não estarem certas, e louvando outras pelo trabalho e esforço que demonstravam.

O relato minucioso seria muito longo, pelo que me abstenho de o fazer, sem menos estima e amizade pelo ilustre comentarista.

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.da

possui em AGADIR, MARROCOS, uma moderna fábrica de CONSERVAS E FARINHA DE PEIXE

O que foram estas duas últimas noites, serão por certo recordadas por todos quantos estiveram presentes sempre que se fale de filatelia.

Todos os comentários foram pessoais e feitos com sentido construtivo e não de censura, e por isso calaram fundo no espírito dos que a eles assistiram.

Terminada a parte destinada à exposição, vamos tentar descrever o que foi a cerimónia do encerramento.

O grande dia chegou — 18 de Outubro — que era, além da distribuição das medalhas, a confraternização entre os associados do Clube dos Galitos e da Academia de Santo Amaro.

O que isso foi devem estar lembrados todos quantos nela participaram, pois creio que atingiu o fim em vista, dado que todos se encontravam encantados.

16 horas — No salão do Teatro da Academia de Santo Amaro, e na presença de todos os expositores, suas famílias e muitos sócios das duas colectividades, constituiu-se a mesa para a realização dos actos mais solenes que se iam seguir — distribuição das medalhas aos expositores e conferência do Ex.mo Sr. Dr. Vasconcelos Carvalho, sob o tema «Motivos, Finalidades e Vantagens da Filatelia».

A mesa, cuja presidência coube ao Ex.mo Sr. Rogério Telmo, Presidente da Academia, foi constituída pelos Ex.mos Srs. Eng. Paulo Seabra Ferreira, José Henriques dos Santos, Carlos da Rocha Leitão, respectivamente presidente e directores da secção filatélica do Clube dos Galitos, e director da revista «Selos & Moedas», Dr. Vasconcelos Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal, D. Maria da Conceição Hernandez e Dr. Jorge Melo Vieira, comentadores das colecções expostas — temáticas e clássicas — respectivamente Carlos Diniz, presidente do Conselho Fiscal da A. S. A. e Edmundo Nunes, da Secção Filatélica da mesma agremiação.

O Presidente da A. S. A. abriu a sessão. Saudou todos os presentes e disse da alegria que sentia em receber na sua casa, que também lhes pertencia, os amigos da sua congénere de Aveiro — Clube dos Galitos — apresentando em seu nome e no de toda a Direcção da A. S. A. ao ilustre presidente da secção filatélica do Clube dos Galitos, os mais sinceros agradecimentos pela anuência pronta e sincera dada à exposição que tinham efectuado conjuntamente com a sua agremiação, e que tanto brilho lhe vieram dar.

A Mesa da Presidência, vendo-se em primeiro plano a Ex.ma Sr.a D. Maria da Conceição Hernandez

Para elo da boa amizade que fica a existir entre as nossas colectividades, — concluíu — tenho a honra de entregar a V. Ex.a para ficar na Secção Filatélica, tão primorosamente dirigida, esta simples placa, onde vai toda a nossa gratidão.

Grande salva de palmas coroou tão brilhante acto.

Em seguida, o presidente da secção filatélica do Clube dos Galitos pronunciou o seguinte discurso:

Ex.mo Senhor Presidente da Academia de Santo Amaro

Ex.mo Senhor Presidente da Secção Filatélica da Academia de Santo Amaro

Minhas Senhoras

Meus Senhores :

Em primeiro lugar e em representação das Direcções do Clube dos Galitos e da sua Secção Filatélica, e de todos os seus associados, quero apresentar, na pessoa de V. Ex.a Senhor Presidente da Academia de Santo Amaro, os nossos melhores cumprimentos e as nossas mais efusivas saudações a todos os Sócios, Amigos e Simpatizantes da prestigiosa Colectividade que V. Ex.a tão proficientemente dirige.

Sou o portador de um grande abraço de amizade da massa associativa do Clube dos Galitos para todos os associados da Academia de Santo Amaro e é com a maior alegria que tenho a honra de vos transmitir esta amiga saudação

Quis a Secção Filatélico-Numismática da Academia de Santo Amaro, convidar a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos para a «I Exposição Filatélica Intercolectividades de Cultura e Recreio».

Foi com grande regozijo que a nossa Secção aceitou tão honroso convite e imediatamente prestou a sua colaboração a esta feliz iniciativa. Pena foi que a nossa representação não tivesse sido mais numerosa e valiosa, mas não houve tempo para preparar as coisas como queríamos.

Ficamos muito gratos à Direcção da Secção Filatélico-Numismática da Academia de Santo Amaro por tão alta distinção conferida à Secção Filatélica do Clube dos Galitos, tanto mais que fomos a primeira Colectividade a ser convidada para iniciar o ciclo de exposições anuais que a Academia de Santo Amaro se propôs realizar com o fim de criar um intercâmbio salutar e proveitoso para todos os filatelistas de Colectividades congéneres.

É pois com o maior entusiasmo que agradecemos vivamente tão dignificante homenagem prestada pela Academia de Santo Amaro ao Clube dos Galitos e à sua Secção Filatélica. Esta honra cala bem fundo nos corações de todos nós que jamais esqueceremos tão simpática atitude.

É afinal aos selos, os nossos amigos de longas horas, os companheiros que nos fazem esquecer os pensamentos mais pesados e que nos proporcionam grandes alegrias, que devemos toda esta corrente de amizade, de compreensão, de fraternidade, de colaboração.

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA?
inscreva-se como sócio da
SECÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DO CLUBE DOS GALITOS
receberá gratuitamente SELOS & MOEDAS
FOMENTE, DIVULGUE E PRATIQUE
F I L A T E L I A

Agradecemos pois aos papeizinhos policromos o ensejo de terem facultado a esta modesta representação da Secção Filatélica do Clube dos Galitos estar presente nesta tão encantadora reunião de camaradagem e confraternização

Os pequenos centros culturais e recreativos vêm dando desde há muito um grande contributo para a divulgação e debate dos problemas que afligem os espíritos humanos e, quando bem orientados, desempenham papel importante na expansão da cultura popular e constituem ainda uma fonte de informação para todos os que deles se abeiram.

Estas prestimosas colectividades constituem elementos preciosos na vida das populações, porque agem por iniciativa própria, organizando os seus planos e programas de acção.

Deste modo não é raro encontrarem-se à frente dos destinos destas instituições homens plenos de querer, pertinazes, impregnados do belo sentimento de servir o próximo.

A Academia de Santo Amaro é um destes exemplos de altruismo. Fundada em 1946 com a finalidade de proporcionar aos seus associados e familiares acesso às fontes de cultura e recreio, cedo se tornou numa instituição de elevado prestígio, podendo destacar-se dentre as suas actividades o ensino da instrução primária, música e teatro.

A par destas actividades, criou em 1960 a sua Secção Filatélico-Numismática, que prontamente se tornou conhecida em todo o País pela organização de exposições, sete até à data, sendo uma delas nacional, a Exfinar-63.

Pela enorme actividade desenvolvida em tão curto espaço de tempo e pelos êxitos grangeados, apresento à Direcção da Secção Filatélica da Academia de Santo Amaro, na pessoa do seu dinâmico presidente Senhor Edmundo Nunes, os melhores cumprimentos e felicitações, e faço sinceros votos para que continuem sem desfalecimento nesta bela cruzada em prol da Filatelia.

O Clube dos Galitos, é também uma Colectividade de nobres tradições. Quando em 1957 um punhado de filatelistas aveirenses se abeirou da sua Direcção a solicitar a criação de uma Secção Filatélica, imediatamente abriu as suas portas a esta iniciativa porque entendeu que a Filatelia e a Numismática constituiam mais uma benéfica actividade cultural a juntar às já existentes.

A Secção depressa se desenvolveu e em 1 de Dezembro de 1962 apareceu o seu órgão de divulgação «Selos & Moedas», revista que representa um esforço de todos os seus colaboradores, mas que por outro lado nos dá a satisfação de constituir um elemento de difusão da Filatelia e da Numismática, dando a conhecer a todos os seus leitores as últimas emissões, debate os problemas da actualidade, insere a panorâmica da actividade nos vários centros do País, etc..

Mas a Secção Filatélica da Academia de Santo Amro foi a primeira a organizar uma Exposição Nacional de Intercolectividades de Cultura e Recreio, e agora a I Exposição entre os associados da Academia de Santo Amaro e do Clube dos Galitos.

A tão elevada distinção não podia a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos ficar indiferente. E assim, em reconhecimento desta gentileza, temos a grande satisfação de constituir a Secção Filatélico-Numismática da Academia de Santo Amaro, SÓCIO DE MÉRITO da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, cujo diploma tenho a subida honra de entregar.

O intercâmbio iniciado por V. Ex.as será, tenho a certeza, de largo alcance para a vida das Colectividades de Cultura e Recreio, e o Clube dos Galitos e a sua Secção Filatélica estarão sempre empenhados em colaborar na aproximação e estreitamento das relações de amizade entre Dirigentes e Associados.

E para terminar, formulo os melhores votos de saúde e prosperidades para todos V. Ex.as, e peço que aceitem as maiores homenagens dos Galitos de Aveiro.

Uma grande e prolongada salva de palmas foi ouvida, após as últimas palavras do orador.

O director da Revista «Selos & Moedas», de Aveiro, Ex.mo Sr. Carlos da Rocha Leitão, entregou depois ao presidente da direcção da A. S. A. com destino ao boletim da sua colectividade, uma preciosa peça cerâmica, com o distintivo do «Galitos», para perdurar a boa amizade existente entre as duas publicações.

Este gesto foi também muito aplaudido.

Então o nosso sócio Miguel Pimentel Saraiva, pediu licença para ler uma mensagem de amizade, dirigida por seu intermédio, à Academia de Santo Amaro, pelo seu grande amigo, residente em Aveiro, José da Purificação Morais Calado, onde felicitava aquela Academia e seus associados pela exposição realizada, e a mágoa que sentia por se não encontrar presente, e de viva voz dizer tudo quanto ia na sua alma e coração, lamentando que o seu estado de saúde não lhe permitisse sair de Aveiro.

O Sr. Pimentel Saraiva, disse quanta tristeza sentia por não se encontrar presente o seu amigo, pois sabia quanta angústia lhe ia no coração naquele momento. Finda a leitura da mensagem, que foi carinhosamente aplaudida, o Sr. Pimentel Saraiva explicou que ia procurar demonstrar que entre as duas colectividades havia alguns pontos em que as ideias eram semelhantes, e fazia-o, porque sendo sócio de ambas, estava completamente à vontade para o fazer.

Embora exercendo actividades diferentes em alguns sectores, uma havia em que caminhavam a par, e apenas com um fim em vista: seguir sempre a direito, sem provocar conflitos, e não por caminhos tortuosos. Esse sector é o da filatelia, onde só devia existir boa amizade entre todos os coleccionadores.

Ainda seguem a par noutra modalidade. Ambas têm órgãos de informação e divulgação de cultura. O Boletim da Academia, insere nas suas colunas tudo quanto seja de seu interesse e represente os desejos da colectividade; e o Clube dos Galitos, de Aveiro, possui a sua revista, onde se publica tudo que interessa à numismática e à filatelia, e que é hoje sem favor a melhor revista deste género, que se publica em Portugal.

Terminou aqui, — embora tivesse algo mais a acrescentar — para evitar demoras no seguimento dos actos que se iam realizar — distribuição de medalhas e leitura da conferência anunciada. Fica, porém, inserto aqui, parte do que pretendia dizer: Os fundadores das duas secções filatélicas — Vítor Sá Alves Coelho, da Academia, e José da Purificação Morais Calado, do Clube dos Galitos, encontram-se hoje, quase pelos mesmos motivos — má compreensão dos homens — afastados das direcções das secções filatélicas que, com tanto carinho, fundaram e orientaram os seus primeiros passos.

Impõe-se que à sua volta se faça um movimento de apelo, secundado pelos seus amigos, sócios das respectivas colectividades e pessoas de boa vontade, para que voltem ao convívio de todos os filatelistas, onde serão acolhidos de braços abertos.

Espero que este meu apelo seja ouvido por todos, e que dos actuais dirigentes parta o início das diligências julgadas necessárias, que estou certo todos os restantes apoiarão.

Terminados estes considerandos, deu-se início à distribuição das medalhas, a que foram acrescidos os prémios do Clube Filatélico de Portugal e um magnífico prato em cerâmica, oferecido pela secção filatélica do Clube dos Galitos, no

qual figuram os emblemas das duas colectividades, e no verso a referência à exposição, peça ciosamente guardada por todos os expositores.

Em seguida, pelo Ex.mo Sr. Dr. Jorge de Melo Vieira, foi feita a apresentação do conferencista Dr. Vasconcelos de Carvalho, pondo em destaque a sua personalidade. Este agradeceu as palavras amigas, e disse aproveitar a ocasião para entregar às duas colectividades, — o que fazia com muito agrado — o diploma em que as nomeava sócios de mérito do Clube Filatélico de Portugal, gesto este que foi muito apreciado, tendo ambas as agremiações por intermédio dos seus presidentes agradecido tal distinção.

Iniciou então o Ex.mo Sr. Dr. Vasconcelos de Carvalho, a sua conferência, na qual faz conceitos que podem ser considerados exactos como outros o não serão, pois não é só a riqueza que interessa à filatelia, mas também aqueles que não sendo ricos, muito têm feito e continuarão a fazer por aquela filatelia que a todos interessa: prazer de coleccionar e não de exibição, como hoje está em voga.

No final foi o ilustre conferencista muito aplaudido.

Terminadas estas cerimónias, que nos presentes causaram a melhor disposição, seguiu-se um lanche magnífico, que a todos proporcionou uns momentos de prazer inesquecíveis, e que por certo perdurarão durante muito tempo na memória dos que a tudo assistiram.

É muito natural que esta minha crónica tenha algumas faltas, mas a emoção era tal, que me esqueci por completo de tomar apontamentos. O que escrevi é tudo quanto retive na memória, pedindo, por isso, desculpa de qualquer omissão.

MIGUEL PIMENTEL SARAIVA

bibRIA

A Cerâmica e a indústria de todos os tempos é hoje a mais moderna na sua utilização e actualização técnica e aplicação prática. No campo decorativo as louças atingiram um nível de excepcional beleza e qualidade.

A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica

Reprodução gráfica do verso e anverso da Medalha de Castanheira de Pera, da autoria do escultor Cabral Antunes. Cunhagem de TOPÁZIO, do Porto.

DE 4 a 12 de Julho último, na ridente vila de Castanheira de Pera, decorreram brilhantes festas comemorativas do cinquentenário da fundação do seu concelho.

Durante estes 9 dias de verdadeira e alegre euforia festiva, todas as manifestações tiveram elevado grau cultural, desde a exibição de conhecidos e conceituados grupos folclóricos, teatro de amadores, consertos musicais, cortejo das actividades regionais, até às exposições de filatelia, de numismática, de fotografia, de arte-sacra, de pintura e da actividade da indústria local. É, porém, de anotar o apoio entusiástico do povo castanheirense a todos estes números festivos, assinalando a conquista das regalias municipais para a sua terra que de freguesia passou a sede de concelho, e a dispor de todos os seus réditos. E aquelas individualidades sobre cujos ombros recai a responsabilidade da consagração de um tal acontecimento, foram dignas daquelas outras que, há 50 anos, alcançaram a autonomia administrativa para aquela linda região, o terceiro centro da indústria de lanifícios do nosso país

Evidentemente, neste recanto onde se presta acolhimento a tão modestas palavras, como as que vão ser lidas, não se fará um descritivo de cada uma daquelas manifestações do cinquentenário do concelho de Castanheira de Pera, isso seria fastidioso e nos afastaria, sobremodo, daquela finalidade que se pretende alcançar, embora pudesse ser levado à conta de elevado espírito de justiça ou de mero devaneio intelectual.

Seja como for, o certo é que um tal acontecimento da vida administrativa do povo desta terra, ficou

A MEDALHA DE CASTANHEIRA DE PERA

assinalado no bronze, uma artística medalha que o escultor de Coimbra, sr. Cabral Antunes, moldou e soube dar-lhe vida, cor, expressão.

Claro, a medalha tem sempre que revelar um acontecimento, uma época, um facto transcendente, uma circunstância que pode ser fortuita, ou ainda um triunfo de uma causa que pode levar à sobrevivência de uma pátria ou de qualquer outro aglomerado social. Os progressos materiais, morais, espirituais, económicos ou sociais de uma nação ali ficam bem vincados para os vindouros, num desafio à marcha do tempo e ao esquecimento ingrato dos homens.

Na verdade e de facto, em boa hora foi proposta a cunhagem de uma medalha, e desde logo foi ela acolhida com vivo aplauso e grande interesse por todos aqueles que mais responsabilidade tinham quanto ao brilhantismo das comemorações. E estas foram, de facto, um verdadeiro triunfo e foi seu ponto culminante uma medalha, superior na sua concepção e na sua execução. O escultor Cabral Antunes, como verdadeiro retratista, pelo barro e pelo gesso, alcançou, seguramente, assinalada posição no meio artístico das medalhas, com mais esta unidade que vai ocupar lugar de distinção na sua já longa galeria medalhística.

Quem conhecer Castanheira de Pera, com as suas 11 ou 12 ou 13 fábricas ao longo da sua já lendária ribeira, sempre com água corrente, mesmo nos anos de maior estiagem, quem observar o espírito bairrista de toda aquela gente, ricos e pobres, patrões e operários, novos e velhos, e quem pesquisar no íntimo daquele povo e de seus filhos, logo pode verificar, nesta mó populacional, uma indómita vontade de criar, de viver e de vencer. Por isso mesmo, a legenda latina LABOR OMNIA VINCIT IMPROBUS sintetisa, às mil maravilhas, o carácter daquela gente e justifica a vitória de há 50 anos, agora recordada e vivida entusiàsticamente e sem quebra de ritmo, durante aquela novena de Julho passado. Por esta razão, também aquela figura humana, enérgica, forte e musculosa, agarrada ao símbolo do trabalho, parece querer dominar o infinito, num eterno esforço de uma vontade incomensuràvelmente forte. Toda ela é força, toda ela é vigor. E como o Trabalho persistente vence todos os obstáculos — assim fala o latim da sua legenda — atesta-o as suas unidades fabris, sempre em renovação, renovação dos seus maquinismos, dos métodos de trabalho, e dos sistemas de fabrico. Bem salientado ficou na medalha com as chaminés abundan-

pelo

DR. ARNALDO BRAZÃO

Lusorama

temente fumegantes, demonstração plena de uma actividade fabril intensa, absorvente, dominante. A outra natural fonte de produção, — a Agricultura — não foi esquecida. E porque na região domina e predomina o pinhal, lá está simbòlicamente representado por aquelas árvores que fornecem a madeira para as construções e a resina, matéria prima de novos produtos que a Técnica e o Laboratório impõem, e o Homem aceita e consome.

O anverso da medalha que acaba de ser descrito é de um simbolismo forte e real. Representa um aglomerado social em franco progresso e triunfando pelo trabalho dos seus componentes, pais, filhos, avós e netos.

Não é inferior o reverso, bem legendado, e consagrando o direito ao uso do seu escudo concelhio. Ocupa ele o campo da medalha, bem delineado, e é assim interpretado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses:

«ARMAS: De prata, com um castanheiro frutado e folhado da sua cor, saindo dum terrado de verde realçado de negro, cortado por três faixas ondeadas, duas de prata e uma azul. O tronco do castanheiro, acompanhado por dois rodízios de pás, em pala, de vermelho. Coroa mural de prata de quatro torres».

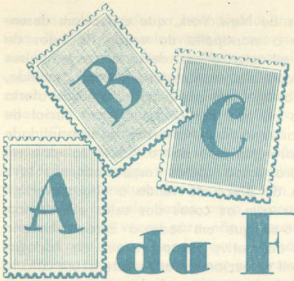
Como é natural está ladeado pelas datas 1914-1964, tendo por legenda: Cinquentenário da Fundação do Concelho. Mais dentro, e logo por baixo do escudo, o nome da terra — Castanheira de Pera, em repetição com a faixa ornamental do mesmo, mas que não desfeia, antes consagra. Ainda aqui o artista Cabral Antunes foi feliz porque, violando algo as regras clássicas da colocação das legendas, conseguiu pôr em firme destaque o acto da consagração e que justificava a cunhagem da medalha. Tratava-se do 50.º aniversário da conquista dos seus direitos municipais, e isto cumpria sempre salientar.

Por tudo quanto se acabou de ler e pelo que se vê na respectiva representação gráfica, pode afirmar-se que se está em presença de uma bela obra de arte, digna de figurar em todos os medalheiros porque satisfaz, cabalmente, as maiores exigências de medalhistas consagrados. O escultor Cabral Antunes, uma vez mais, com esta prova do seu talento artístico, assegura uma posição destacada adentro da Medalhística.

Os trabalhos da cunhagem foram confiados à Topázio, do Porto, o que já era garantia de uma boa execução e de uma superior apresentação.

Assim aconteceu, na verdade, e muito nos apraz aqui registar tal circunstância, nesta hora de prestar justiça a quantos a merecem.

Os produtos cerâmicos das FÁBRICAS JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS, FILHOS, são ensaiados trimestralmente no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Assim se afirma o escrúpulo do seu fabrico que garante a qualidade dos seus produtos.



ABC da Filatelia

pelo

DR. ROMANO CALDEIRA CÂMARA

bibRIA

A valorização dos selos ao longo dos anos. Algumas ilusões dos catálogos

ESTAMOS chegados ao fim deste «a b c» da filatelia e não desejaria encerrá-lo sem algumas advertências de carácter geral.

A valorização dos selos ao longo dos anos é um facto de matemática certeza. Contudo, há valorizações e valorizações! Tanto podem atingir 0,01% como 20 ou 30%. Estes aumentos não são só função da desvalorização da moeda, pois que, fundamentalmente, dependem da lei da oferta e da procura. O preço base inicial do catálogo, para ser real, deve entrar com vários factores, tais como, quantidades totais emitidas, quantidades vendidas e destruidas oficialmente, tempo durante o qual a emissão esteve à venda e, por último, o atractivo que a emissão terá para os coleccionadores. Pois sucede na maior parte das vezes que os preços dos catálogos são consequência directa deste último factor, dependendo inteiramente da lei da oferta e da procura e não das quantidades emitidas.

Sem falar nas agências americanas de New York, que especulam desenfreadamente com o facto de possuirem o monopólio da venda de selos de alguns países africanos, asiáticos e sul-americanos, deixando nos países de orígem uma percentagem ínfima da quantidade total emitida, tivemos há uns anos um caso típico, em Portugal, em que imperou a lei da oferta e da procura. Refiro-me a uma emissão do tipo Europa, cujo valor facial de venda nos Correios era de 6$00, e que foi vendida pelas casas da especialidade em Portugal, a 60 e 70 escudos, e no estrangeiro ao dobro. Como foi possível suceder tal? A rarefacção inicial provocada pelos especuladores, teve como consequência imediata a elevação do preço de venda a alturas vertiginosas. Os coleccionadores, temendo ficar com as casas dos selos em branco, apressaram-se a comprá-los, esquecendo-se que em toda a Europa haveria quando muito 7a 8 mil coleccionadores do motivo Europa, e que em Portugal não existiriam mais do que, digamos, 5 mil coleccionadores (e este é um cálculo muito favorável!) de selos do Continente. Assim podem calcular qual foi o lucro total da operação «Europa», ficando em guarda quando sucederem casos semelhantes.

Dentro das emissões portuguesas, algumas houve que muitos anos depois foram vendidas abaixo do seu valor facial e com 90% de desconto sobre o preço do catálogo. De uma, recordo perfeitamente ter visto vender em loja de comerciante e pelo preço de pleno catálogo, cerca de100 escudos, — a emissão comemorativa da travessia do Atlântico, que então era coisa raríssima. Pois anos depois foram postas à venda no mercado nacional alguns milhares destas séries, que tinham estado imobilizados, inundando a breve trecho os albuns dos coleccionadores e baixando estrondosamente o preço de venda. A lei da oferta e da procura foi soberana neste caso e noutros similares que se têm dado ao longo dos tempos.

Sempre que em selos relativamente modernos assistam a altas especulativas, desconfiai e esperai, pois que tarde ou cedo, elas desaparecerão.

Selos clássicos e modernos selos vulgares e selos raros

Os únicos selos que se encontram estabilizados quanto a preços, e cujas altas são regulares cada ano que passa, são os clássicos, isto é, aqueles que foram emitidos antes de 1900. Mesmo assim, o facto de um selo ter 100 anos não significa que seja raro e como tal não justifica preços de especulação.

É um facto corrente ver um jovem coleccionador ficar radiante quando encontra um selo com uma idade provecta, por exemplo o selo de 25 reis de D. Luiz, fita curva ou fita direita; mas, quando esse mesmo coleccionador dá uma vista de olhos ao catálogo, verifica que o preço é extraordinàriamente baixo. É bom não esquecer que desta taxa foram emitidos milhões de selos, que serviram precisamente para a franquia interna nacional, e como tal, é um selo

que existe com relativa abundância. Inversamente o mesmo selo, mas agora da taxa de 120 reis, é relativamente raro no continente, mas é vulgaríssimo encontrar aos milhares nos comerciantes estrangeiros, ingleses sobretudo. Esta era a franquia para o estrangeiro, e se algum dia o leitor puder percorrer as dezenas e dezenas de comerciantes filatelistas estabelecidos em Londres, poderá comprar esses selos com descontos que vão até ⅔ do valor do catálogo.

Certos selos clássicos são raros quando novos, porque a goma, devido aos defeitos de fabrico e de composição, possui uma desastrada tendência para a criação de fungos e ferrugem. Em climas tropicais, a goma provoca por vezes a colagem prematura dos selos uns com os outros ou com as folhas de separação, e, portanto, um selo destes, novo, impecável no verso, é por demais difícil senão raro. E muitas vezes, para não dizermos sempre, os catálogos não entram em linha de conta com estes factores, que são afinal factores de valorização bastante poderosos, pois que contribuem inexoràvelmente para a diminuição da quantidade de selos disponíveis à venda no mercado.

Como conselho final, recomendo a especialização como sendo o último estágio do coleccionamento e que tanto pode abranger o estudo das variedades de uma emissão das datas do seu aparecimento, das nuances dos carimbos de uma dada região ou época, cunhos utilizados, acidentes sucedidos durante as sucessivas impressões nas tipografias, estudos de cores, provas, etc., etc..

Como acentuei, a especialização só é possível num estágio final de coleccionamento, não sendo portanto assunto que possa ser tratado numa iniciação filatélica.

bibRIA

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA?

inscreva-se como sócio da

SECÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DO CLUBE DOS GALITOS

receberá gratuitamente SELOS & MOEDAS

FOMENTE, DIVULGUE E PRATIQUE
F I L A T E L I A

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Rações BEIMAR *

Repare que *ração* sugere o uso *racional* de alimentos.
Os seus animais precisam que raciocine por eles...

BEIMAR *: marca registada desde 1947

OS CARIMBOS NUMÉRICOS DE MOÇAMBIQUE

EM artigos sucessivos publicados na circular do Clube Filatélico de Moçambique, o sr. J. M. Folgosa vem publicando um valioso estudo que intitulou «Subsídios para a História dos Correios e Telégrafos de Moçambique» e que tem real interesse para os filatelistas. E no n.º 36, referente a Fevereiro de 1963, o autor dá-nos a notícia completa e pormenorizada acerca dos carimbos numéricos, tão conhecidos como mal estudados.

Do referido artigo, e com a devida vénia, extraímos os dados essenciais que ao caso interessam.

A ordem de serviço n.º 179, de 9 de Abril de 1908, da Administração do Correio informava terem entrado no depósito, para serem distribuídos às estações que os não possuiam, vinte carimbos para inutilização de selos, numerados de 1 a 20, e simultâneamente determinava que se fizesse constar em ordem de serviço, para conhecimento do pessoal e devidos efeitos, os números dos carimbos e nomes das respectivas estações a que fossem fornecidos.

Foram distribuidos os seguintes carimbos:

N.º 1 — Cais Gorjão
2 — Machava
3 — Boane
4 — Covene
5 — Chungele (Gaza)
6 — Moamba
7 — Mulevalla
8 — Alto Molocué (Quelimane)
9 — Mocubela (Quelimane)
10 — Chifumbaze (Tete)
11 — Boroma (Tete)
12 — Catandica (Tete)
13 — Sungo (Tete)

Os quatro primeiros em 7 de Maio; o n.º 5 em 9 de Maio; os n.ºs 6, 7, 8 e 9 em 30 de Junho e os quatro últimos em 8 de Julho.

Obedecendo à toponímia e ortografia modernas e tendo em atenção a actual divisão administrativa, os carimbos pertenceram às estações seguintes, indicando-se, para cada uma delas e entre parêntesis, os concelhos ou circunscrições a que pertencem, seguidos do respectivo distrito:

N.º 1 — Cais Gorjão (no porto de Lourenço Marques)
2 — Machava (Matola — Lourenço Marques)
3 — Boane (Matola — Lourenço Marques)
4 — Umbelúzi (Matola — Lourenço Marques)
5 — Chongoene (Gaza — Gaza)
6 — Moamba (Sábiè — Lourenço Marques)
7 — Mulevala (Ile — Zambézia)
8 — Alto-Molócuè (Alto-Molócuè — Zambézia)

9 — Mucubela (Maganja da Costa — Zambézia)

a) 10 — Chifumbazi (Macanga — Tete)

11 — Missão de S. Jorge de Boroma (Tete — Tete)

12 — Vila Gouveia (Barué — Manica e Sofala)

13 — Sungo (Moatize — Tete)

Chamamos a atenção para a gravura que ilustra esta nota, por ser a dum selo da Zambézia obliterado por o carimbo n.º 6 distribuido a uma estação do distrito de Lourenço Marques, pondo mais uma vez em evidência o mau uso dos carimbos de favor.

Para terminar e aproveitando esta oportunidade, a seguir damos um resumo da actual organização administrativa da província de Moçambique, que se acha dividida em postos e estes agrupados em concelhos ou circunscrições, formando 9 distritos, a saber:

LOURENÇO MARQUES

Concelhos: — L. Marques — Manhiça — Matola

Circunscrições: — Maputo (com sede em Bela Vista) — Marracuene (com sede em Vila Luísa) — Namaacha — Sabiè (com sede em Moamba)

GAZA *(sede em V. João Belo)*

Concelhos: — Gaza (com sede em V. João Belo) — Baixo Limpopo (com sede em V. Alferes Chamusca) — Bilene (com sede em Macia) — Chibuto — Muchopes (com sede em Manjacaze).

Circunscrições: — Guijá (com sede em Caniçado) — Limpopo (com sede em Malvérnia) — Magude.

INHAMBANE

Concelhos: — Inhambane.

Circunscrições: — Govuro (sede em Nova Mambone) — Homoine — Inharrime — Massinga — Morrumbene — Pauda — Vilanculos — Zavala (sede em Quissico).

MANICA E SOFALA *(sede na Beira)*

Concelhos: — Beira — Chimoio (sede em V. Pery) — Dondo — Manica.

Circunscrições: — Báruè (sede em V. Gouveia) — Búzi (sede em Nova Lusitânia) — Chemba — Cherimgoma (sede em Inhaminga) — Gorongosa (sede em V. Paiva de Andrade) — Marromeu — Mossurize (sede em Espungabera) — Sena (sede em V. Fontes) — Sofala (sede em Nova Sofala).

TETE

Concelhos: — Tete.

Circunscrições: — Angónia (sede em V. Coutinho) — Macanga (sede em Furancungo) — Màgoè — Marávia (sede em Fingoé) — Moatize — Mutarara (sede em D. Ana) — Zumbo.

DIBRIA

ZAMBEZIA *(sede em Quelimane)*

Concelhos: — *Quelimane — Chinde — Mocuba.*

Circunscrições:: — *Alto Molócuè — Gurué (sede em V. Junqueiro) — Ile (sede em Errego) — Lugela — Maganja da Costa — Milange — Mopeia — Morrumbala — Namacurra — Namarrói — Pebane.*

MOÇAMBIQUE *(sede em Nampula)*

Concelhos: — *Nampula — Moçambique — António Enes.*

Circunscrições: — *Eráti (sede em Namapa) — Imala (sede em Muecate) — Malema (sede em Entre-Rios) — Meconta — Memba — Mogincual — Mogovolas (sede em Nametil) — Moma — Monapo — Mossuril — Murrupula — Nacala — Ribaué.*

NIASSA *(sede em V. Cabral)*

Concelhos: — *Vila Cabral.*

Circunscrições: — *Amaramba (sede em Nova Freixo) — Maniamba — Marrupa.*

CABO DELGADO *(sede em Porto to Amélia)*

Concelhos: — *Porto Amélia — Ibo — Mocimboa da Praia — Montepuez.*

Circunscrições: — *Macomia — Macondes (sede em Mueda) — Mecúfi — Palma — Quissanga.*

a) Povoação hoje extinta.

A. M.

bibRIA

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.da

possui em AGADIR, MARROCOS, uma moderna fábrica de CONSERVAS E FARINHA DE PEIXE

1 I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA e NUMISMÁTICA de MOÇAMBIQUE

Em homenagem a Sua Excelência o Presidente da República, Contra-Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, na sua viagem a Moçambique em 1964

(23 de Julho a 7 de Agosto)

bibRIA

COMISSÃO DE HONRA

— Sua Excelência o Governador-Geral de Moçambique, General Costa e Almeida
— Sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira
— Magnífico Reitor dos Estudos Gerais Universitários, Prof. Dr. Veiga Simão
— Presidente da Câmara Municipal de Lourenço Marques, Humberto Albino das Neves
— Director dos Correios, Telégrafos e Telefones de Moçambique, Eng. Rogério Ferreira do Amaral
— Director de Centro de Informação e Turismo de Moçambique, Dr. Botelho de Sousa
— Reitor do Liceu Salazar de Lourenço Marques, Dr. Mário de Alcântara

COMISSÃO ORGANIZADORA

Direcção do Clube Filatélico de Moçambique
Presidente — Júlio de Almeida Santos
Vogais — Arsénio Silva de Almeida
— Aníbal Libânio de Sousa Brites
— Manuel Marques Pires

por ***Jorge Luis P. Fernandes***

— José Alves da Silva
— Luís de Jesus Pereira
Henrique Jorge do Carmo Matos

PATROCINIO

— Governo-Geral de Moçambique
— Câmara Municipal de Lourenço Marques
— Centro de Informação e Turismo
— Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP)

e colaboração dos

— Serviços de Instrução
— Direcção dos Correios Telégrafos e Telefones de Moçambique

CLASSIFICAÇÃO DOS OBJECTOS EXPOSTOS

a) Para selos:

1.º Colecções de catálogo;
2.º Colecções especializadas;
3.º Estudos de uma emissão ou conjunto de emissões;
4.º Colecções Temáticas;
5.º Colecções de orientação especial;

b) Para as moedas:

1.º Moedas do Império Romano e anteriores;
2.º Moedas estrangeiras;
3.º Moedas portuguesas;
4.º Outras colecções de moedas e medalhas.

c) Bilhetes postais, aerogramas, etc.;
d) Projectos de selos, ensaios, provas e reimpressões, etc.;
e) Carimbos de 1.º dia, obliterações especiais, obliterações pré-filatélicas, postais máximos, etc.;
f) Revistas e livros expostos pelos seus editores ou autores.

PRÉMIOS

— Três grandes prémios (medalhas de ouro) — para a melhor colecção de selos; para a melhor colecção de moedas e para a melhor colecção de selos portugueses, desde que a esta não tenha sido atribuída a classificação de melhor colecção entre todas.
— Doze medalhas de prata.
— Vinte e quatro medalhas de cobre.
— Menções honrosas.
— Diplomas de participação a todos os expositores.

OUTROS PRÉMIOS

— Para o primeiro classificado: Medalha do Clube Filatélico de Portugal.
— Oferta da Casa Filatélica de Alfredo Dias: 10 medalhas esmaltadas, comemorativas do 10.º aniversário da Casa Filatélica, e 10 classificadores.

bibRIA

REPORTAGEM

JÚRI

— Antero Pereira de Carvalho do Amaral Semblane
— José Amálio Machado
— Ricardo Marques da Graça

INAUGURAÇÃO

A Exposição realizou-se no Salão de Festas do Liceu Salazar, em Lourenço Marques, ocupando os selos uma área aproximada de 150m². Foi inaugurada cerca das 17.00 horas de 23 de Julho, por Sua Excelência o Senhor Presidente da República.

Dos jornais :

1.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE MOÇAMBIQUE

À entrada do Liceu Salazar, onde o Presidente da República se deslocava a fim de inaugurar a 1.ª Exposição Filatélica e Numismática de Moçambique, o almirante Américo Tomás foi saudado com entusiasmo por grande multidão ali reunida, ao mesmo tempo que recebia cumprimentos do Presidente da Direcção do Clube Filatélico de Moçambique, Júlio de Almeida Santos e restantes membros directivos.

No interior do Liceu Salazar, o Supremo Magistrado da Nação apreciou demoradamente as vitrinas onde se encontravam centenas de selos e moedas pertencentes aos expositores concorrentes à 1.ª Exposição Filatélica e Numismática da Província, que se manterá aberta até ao próximo dia 7 de Agosto.

Após ter assinado o Livro de Honra, o Presidente da República escutou palavras de agradecimento pela sua presença, proferidas pelo Presidente da Direcção do Clube Filatélico de Moçambique Júlio de Almeida Santos, que a seguir pediu autorização ao Chefe do Estado para — em nome do Clube Filatélico — oferecer ao almirante Américo Tomás uma medalha em ouro comemorativa da sua visita a Moçambique e o catálogo da Exposição inaugurada.»

... ...

AUTÓGRAFOS EM ENVELOPES

«Quando se retirava do Liceu Salazar, após ter inaugurado a 1.ª Exposição Filatélica e Numismática de Moçambique, o Presidente da República foi rodeado por muitas dezenas de pessoas que, insistentemente, pediam ao Chefe do Estado o seu autógrafo nos envelopes dos C. T. T. com o selo comemorativo da Viagem Presidencial a Moçambique.

Depois de ter acedido a alguns dos pedidos, o Almirante Américo Tomás prometeu às restantes pessoas que durante o dia de hoje, no Palácio da Ponta Vermelha, daria mais autógrafos.»

(«Notícias», 24.7.1964).

DIDRIA

EXPOSITORES

Apresentaram-se coleccionadores de Lisboa, Angola, da África do Sul e de muitos pontos da Província de Moçambique.

Secção Oficial	— C. T. T. de Moçambique
Filatelia	— 51 expositores
Numismática	— 5 expositores
Inscritos à última hora	— 4 expositores

CATÁLOGO

Bem elaborado e profusamente ilustrado, contém gravuras do selo comemorativo da Viagem Presidencial e respectivo carimbo de 1.º dia, carimbo comemorativo da Exposição, reprodução da medalha comemorativa, etc.. Insere ainda um retrato, em página inteira, de Sua Excelência o Presidente da República e, além do Regulamento e habitual informação de interesse, a seguinte

SAUDAÇÃO

«Quão feliz se deve sentir um Chefe de Estado ao empreender, rumo à África, uma viagem de paz, de confiança e serenidade apesar da incerteza dos dias conturbados de hoje.

Porque assim é! E porque Portugal segue o seu rumo na senda da fraternidade e igualdade entre os homens, aqui o temos, em terras Portuguesas de Moçambique.

O Senhor Almirante Américo Tomás inaugurando a Exposição

O Clube Filatélico de Moçambique saúda Sua Excelência o Presidente da República, Almirante Américo Thomaz, ao pisar o solo moçambicano, dedicando-lhe esta 1.ª Exposição Filatélica e Numismática como preito de homenagem, admiração e respeito.

Ao vir até nós, pedimos a Deus que espalhe a esmo e sem conta sobre Sua Excelência as pétalas mais viçosas dos seus roseirais floridos, mananciais infinitos da Vida e da suprema Ventura.»

PEÇAS FILATÉLICAS

(Além do selo comemorativo da visita presidencial, e respectivos carimbo de 1.º dia e sobrescrito oficial)

— Carimbo comemorativo da Exposição, usado na «estação postal de 3.ª classe, denominada ESTAÇÃO POSTAL DA 1.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE MOÇAMBIQUE, que funcionará de 23 do corrente a 7 do próximo mês de Agosto, no átrio do Liceu Salazar» (Alvará da Direcção dos C. T. T. de Moçambique ,datado de 3.7.1964). Este carimbo reproduz o emblema do Clube Filatélico de Moçambique.

— Sobrescrito comemorativo da Exposição, polícromo, muito belo e bem impresso; edição do Clube Filatélico de Moçambique (10.000 exemplares).

— Postal máximo, com a efígie do Senhor Presidente da República; edição do Clube Filatélico de Moçambique.

— Duas vinhetas, em vermelho e verde, reproduzindo a medalha comemorativa.

NOTAS SOBRE A EXPOSIÇÃO (RECORTES DA IMPRENSA)

«A I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA EM MOÇAMBIQUE NO LICEU SALAZAR É, NO GÉNERO, UM MONUMENTO DE COMPETIÇÃO

... ...

«OPINIÃO DUM JORNALISTA

«Entre as opiniões dos seus 3.000 visitantes, até ontem, destaca-se uma impressão manuscrita pelo punho dum célebre jornalista francês — Charpentier — no «Livro de Ouro» da referida exposição e do seguinte teor: «Exposição muito completa e primorosamente montada».

... ...

«Destacam-se valiosíssimas colecções e lindos quadros temáticos e de estudo. Ao correr da pena, lembro, digno de nota e apreço os nomes e temas dos seguintes expositores:

Tenente-Coronel, médico, Jaime Fausto Cansado, de Lourenço Marques — colecção de selos de Portugal, altamente especializada; Júlio de Almeida Santos, de L. Marques — colecção de selos de Portugal, completa, com inúmeras variedades, ultramar português e ilhas adjacentes, e o curioso estudo sobre o selo de 1 penny da Rainha Victória (Inglaterra — 1854) que constitui uma raridade na filatelia nacional (talvez universal); José Maria Folgosa — colecção de moedas portuguesas, continentais e ultramarinas, e da Península, e sem dúvida a mais completa e valiosa colecção de moedas nacionais; Louis Abrams, de Joanesburgo — colecção de selos do Sudoeste Africano Alemão e Sudoeste Africano; António Manuel Bispo, de L. Marques — maravilhosas colecções de selos temáticos «Religiosos» e «Desportos»; Guilherme Cabaço, de L. Marques — colecção de selos de Portugal e temáticas da «Fomes», «Malária» e «75 Aniversário da U. P. U.»; Dr. Montenegro Carneiro, de Lisboa — colecção primorosa e especializada de selos de Moçambique e Companhia do Niassa; Dr. A. J. Vasconcelos de Carvalho, de Lisboa — verdadeiras raridades sobre provas, ensaios e erros dos selos de Moçambique; Jorge Luís P. Fernandes, de Inhaminga — valiosíssima, rara e primorosamente montada colecção de selos «Caminhos de Ferro»; Boris Glassman, de Joanesburgo — colecção altamente especializada de «Moçambique» e «Companhia de Moçambique»; José de Sousa Horta, L. Marques — colecção completa de selos da Bélgica; Mário de Barros Lobo, L. Marques — valiosíssimas colecções especializadas de selos de «Moçambique» e «Império Britânico»; Dr. J. Harvey Pirie, de Joanesburgo — trabalho altamente especializado da História do selo postal da Suazilândia; Elmano Alegria Ferreira da Silva, L. Marques, — curiosos e antigos documentos pré e parafilatélicos e Carlos Ribeiro da Cunha, L. Marques, graciosa colecção de moedas orientais, e tantos outros que, na beleza e variedade dos seus estudos e raridades apresentadas em nada se distanciam dos que enumerei».

... ...

(«Notícias», 30.7.1964)

ENCERRAMENTO

No dia 7, à noite, realizou-se no recinto da Exposição uma pequena cerimónia, assinalando o seu encerramento.

No dia 8, realizou-se um jantar de confraternização durante o qual se procedeu à entrega dos prémios.

Dos jornais :

... ...

«Ontem, cerca das 20,30 horas, o Clube Filatélico de Moçambique promoveu um jantar de confraternização no Restaurante do Aeroporto, que reuniu

grande número de sócios e convidados, e que serviu de pretexto para a distribuição dos prémios com que foram contemplados os filatelistas e numismatas que concorreram à I Exposição recentemente levada a efeito no Liceu Salazar.

Ao jantar presidiu Humberto das Neves, presidente da Câmara Municipal, que dava a direita à senhora de Almeida Santos, Amálio Machado e senhora de Humberto Neves, e a esquerda à senhora de Louis Abrams, Júlio de Almeida Santos e senhora de Fausto Cansado — sentando-se, indistintamente, noutros lugares cerca de 50 sócios e expositores».

... ...

(«Diário» de Lourenço Marques, 9.8.1964).

«PRÉMIOS ENTREGUES AOS CLASSIFICADOS NA EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA»

... ...

IMPROVISOS E DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

«Antes da distribuição de prémios, usou da palavra o Presidente do Clube Filatélico, que agradeceu a colaboração prestada por entidades oficiais e particulares, e deu a conhecer a projecção tida com a 1.ª Exposição Filatélica e Numismática, referindo-se ao destaque dado pela Imprensa em geral e revistas da especialidade nas principais capitais do Mundo, nomeadamente em Londres, Madrid, Rio de Janeiro e Paris. Agradeceu, por último, à Imprensa e Rádio de Lourenço Marques pela forma como noticiaram, em pormenor, a realização do Clube Filatélico em homenagem ao Chefe do Estado.

A seguir, o Sr. José Amálio Machado procedeu à leitura da acta do júri e deu a conhecer a ordem de classificação.

Como convidado de honra, o Presidente da Câmara procedeu a seguir à distribuição de prémios, cerimónia que foi acompanhada com muitas palmas».

... ...

«Feita a distribuição de prémios a todos os concorrentes, usou da palavra o Presidente da Câmara, que disse do significado da exposição e o quanto ela contribuiu para levar o nome de Lourenço Marques e de Moçambique além fronteiras, tendo palavras de apreço para os elementos directivos do Clube Filatélico, para todos os expositores e para as entidades que contribuiram para o êxito alcançado. Aos expositores de vários pontos da Província e do estrangeiro dirigiu amáveis palavras, incitando todos a prosseguirem com vista a novas realizações».

DESTAQUE PARA DOIS EXPOSITORES

«Como apontamento de reportagem queremos salientar a presença na exposição do jovem José António Moura Costa Almeida, filho do Governador-Geral da Província, que foi premiado com uma medalha comemorativa do 10.º aniversário da «Casa Filatélica de Alfredo Dias» e um classificador de cartolina e ouro.

Outro concorrente, talvez de todos o que apresentou colecção mais valiosa, de nome Louis Abrams, de Joanesburgo — selos do Sudoeste Africano Alemão e Sudoeste Africano. Sabemos que as suas colecções foram avaliadas recentemente, em Londres, por 36.000 libras. Pelo valor das colecções deste concorrente e de outros nacionais e estrangeiros, a exposição que referimos esteve permanentemente policiada».

(«Notícias», 9.8.1964).

UDIRIA

IV EXPOSIÇÃO 2 de DIVULGAÇÃO FILATÉLICA da VILA DA MAIA

por J. CAMPELO

OS festejos em honra da Senhora do Bom Despacho tiveram este ano, como aliciante, uma exposição filatélica integrada no programa das festas e, diga-se de passagem, que foi dos números mais interessantes e, quanto a concorrência, pode mesmo dizer-se que as previsões mais optimistas foram de longe ultrapassadas.

O facto não deve causar admiração. Era a IV Exposição Filatélica levada a cabo na Vila e sempre no período das festas. Apenas um interregno se verificou no ano passado, dado que os filatelistas maiatos, muito entusiastas, mas muito compenetrados da sua missão, não quiseram repetir o que já haviam feito durante três anos consecutivos. Assim, consideraram e bem, que uma exposição filatélica não deve apresentar sempre o mesmo «cliché», não deve repetir-se com o mesmo material, sempre o mesmo material, para se não tornar pesada, enfadonha...

Havia que estudar o problema, oferecer algo de novo ao povo local e forasteiro — dado que o certame se situava no próprio coração da vila, no seu centro. Assim, este ano, duas salas, positivamente cheias, apresentavam: uma com 25 quadros dos filatelistas da Maia; outra com 23 quadros de expositores da secção filatélica do Aurora da Liberdade, de Matosinhos.

Num total de 19 expositores com 48 quadros, pode dizer-se que esta exposição local foi um acontecimento notável e veio mostrar que os pequenos meios vivem apaixonadamente os acontecimentos filatélicos, em contraste com outros meios populacionais mais desenvolvidos onde a filatelia parece não ter cabimento.

Gostámos francamente desta exposição e do seu carácter de divulgação, que foi plenamente atingido: material em número e qualidade razoáveis, um intercâmbio muito proveitoso entre filatelistas de dois concelhos vizinhos e amigos, laços de amizade que se estabeleceram e cimentaram; um público numeroso e interessado, comentários judiciosos de muitos visitantes e críticas, muitas delas justas.

Este conjunto de circunstâncias concorreu para valorizar o certame, e os

DIBRIA

filatelistas maiatos podem dar-se por satisfeitos por terem alcançado os objectivos desejados.

Já algures tivemos ocasião de pôr em foco alguns reparos: folhas demasiado sobrecarregadas, muitas sem qualquer legendação orientadora, e também muitas folhas com selos novos e usados. Se bem que, a nosso vêr, sejam defeitos de certa importância que, em determinada medida, desvalorizam a apresentação — não devemos esquecer que se trata de uma exposição de carácter local e, por isso mesmo, não devemos ser muito exigentes. Isso não exclui, antes pressupõe a necessidade de pôr em evidência alguns senões.

Assim, Manuel Ferreira, filatelista maiato, expôs muito e variado material, abarcando muitos países, com folhas excessivamente carregadas (7 quadros).

Seria vantajoso uma revisão das suas folhas, aligeirando-as e procurando sempre seleccionar o material a expôr.

Um reparo também a Joaquim Pato: o selo, motivo central, é positivamente afogado pelas alegorias que enchem as folhas. Interessantes, sem dúvida, alguns dos motivos, mas há que não esquecer que se tratava de uma Exposição Filatélica.

Belos, sem dúvida, os postais máximos de M. F. Torres, que apresentou excelente selecção, não esquecendo a bela maiata representada na 2.ª série dos «Costumes Portugueses» (1947); um peito repleto de corações de oiro a dizer-nos que as filhas da terra têm personalidade própria.

Manuel Gomes Ferreira, com interessantes séries de vários países (Polónia, Vaticano, Hungria, Jugoslávia, etc.), e também interessante variedade de selos do Ultramar apresentados por vários expositores.

Parece ter existido a preocupação de apresentar muita coisa de vários países para dar ideia da extensão de colecções, quando, em nossa opinião, seria preferível seleccionar três ou quatro países por coleccionador, o que daria uma nota de maior equilíbrio e, vamos lá, de bom gosto.

Nesse aspecto, os coleccionadores de Matosinhos foram mais discretos e parece que se aproximaram mais dos objectivos em vista. Um, dois países, um dois temas, o que nos pareceu, efectivamente, menos pesado e mais atraente. Aliás, a experiência já adquirida e participação em exposições de maior âmbito deviam produzir seus frutos.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Rações **BEIMAR** *

Repare que *ração* sugere o uso *racional* de alimentos.
Os seus animais precisam que raciocine por eles...

BEIMAR *: marca registada desde 1947

Uma bela manifestação de propaganda filatélica, pelo que os filatelistas maiatos estão de parabéns e perante um magnífico incentivo para se abalançarem, em futuro próximo, a cometimentos de maior vulto.

De salientar, entre os expositores matosinhenses, a apresentação do material e o equilíbrio observado nas participações, com relevo especial para José Dias Afonso, com magníficos clássicos portugueses e um 100 réis de D. Maria, magnífico.

O certame foi inaugurado pelo Presidente do Município local, Ex.mo Sr. Coronel Carlos Moreira, que no acto da abertura foi saudado por um membro da Comissão Organizadora, que agradeceu as facilidades concedidas e teve palavras de saudação aos filatelistas de Matosinhos.

O mais importante senão — ou erro lamentável — partiu dos Serviços respectivos dos C. T. T. que, na pagela anunciadora do carimbo comemorativo situou a Vila da Maia na... Vila da Feira.

Claro, que todo o mundo sabe que Vila da Feira é no distrito de Aveiro e sede de um dos mais antigos concelhos do País, e que nada tem a ver com a Vila da Maia.

Como resultado deste fracasso geográfico, foram as correspondências endereçadas àquela vila, — endereçadas, bem entendido, por pessoas que, à primeira vista não se deram conta do erro. Há que ter o máximo cuidado com a elaboração das pagelas para evitar que tais casos se repitam.

De salientar, por fim, o catálogo da exposição e o sobrescrito comemorativo, que denotam bom gosto e um sentido artístico que convém realçar.

bibRIA

Para as suas transacções bancárias, para os seus depósitos, para os seus descontos e transferências, lembre-se: **Banco Regional de Aveiro**

O nosso apelo

QUASE diríamos, que apenas uma escassa meia dúzia dos nossos leitores teria dispensado ao LIMIAR do último número a devida atenção.

Porque se trata na realidade de um magno problema do Clube dos Galitos, confrange-nos a ideia de que as nossas palavras, talvez por modestas e descoloridas não conseguissem calar fundo no coração de cada «galo» ou simples «garnizé».

Todavia, ainda admitimos que, por certo comodismo ou reserva de oportunidade, o nosso apelo não lograsse aquela repercussão que todos desejaríamos. Mesmo assim, assinalamos gostosamente o facto de ter chegado a ecoar primeiramente em Lisboa e depois na longínqua Angola, para em seguida porém, se perder inglòriamente num deserto de silêncio.

Registamos desta forma, a resposta pronta do nosso prezado consócio e dedicado colaborador Snr. Miguel Pimentel Saraiva, que nos enviou significativa carta, acompanhada de valiosa oferta. Outrossim, anotamos a compreensão do nosso associado Snr. Júlio Pereira Fazenda, que de Benguela nos remeteu — junto a uma carta de aplauso e de incitamento — o seu contributo. E recentemente temos ainda a registar a generosa oferta do nosso prezado amigo e colaborador Snr. João Campelo, de Senhora da Hora.

Os nossos agradecimentos para os iniciadores desta simpática cruzada, fazendo votos que o seu exemplo frutifique ràpidamente no seio dos demais filatelistas e numismatas da nossa Secção.

LIMIRIA

1963 — 1964 PANORAMA DA ÉPOCA FILATÉLICA

ENTRÁMOS em nova época filatélica e, como é lícito esperar, novas e promissoras esperanças se encastelam no firmamento filatélico português. Há que singrar em frente, sem desvios, sem tortuosidades, buscando novos rumos, interessando novos sectores populacionais, conquistando novas vilas e cidades até aqui hermèticamente encerradas para a filatelia.

Não obstante os progressos verificados — que são palpáveis — há muito que caminhar ainda: há filatelistas isolados aqui e ali, fechados em hipotéticas torres de marfim, que receiam apresentar-se pùblicamente mostrando o que têm, bom ou mau, mas mostrando sempre, marcando presença, dizendo em alto e bom som: aqui estou!

O filatelista deve, obrigatòriamente, buscar a convivência, contribuir para o progresso e expansão da filatelia. O crescente prestígio que vimos disfrutando no campo internacional, impõe-nos obrigações e, até por imperativo de consciência, há que marcar presença sempre e sempre.

Há filatelistas de indiscutível valor que se não apresentam pùblicamente, que se sentem inferiorizados, julgando não ter categoria para concorrer a qualquer exposição. É um ponto de vista, não dizemos falso, mas injusto, até porque o filatelista, como tal, tem o dever de, em todas as circunstâncias, marcar presença, embora consciente de que não tem condições para competir com outros filatelistas de reconhecida categoria. Daqui nasce, inevitàvelmente, o sentimento de inferioridade — o chamado complexo — que deve ser inexoràvelmente combatido.

Por tudo isto acolhemos sempre com satisfação, com carinho, as chamadas exposições de divulgação onde é afastado o carácter competitivo que assusta muitos e muitos coleccionadores, mas que atrai novos entusiastas.

E a época que findou? Que nos deixou de positivo, de grande, a atestar os indiscutíveis progressos da filatelia portuguesa? Muito simplesmente dois factos transcendentes a assinalar o seu começo e o seu fecho, ou seja, duas autênticas chaves de oiro, se assim quisermos chamar-lhes.

EDITORIA

Não há dúvidas que, com estes acontecimentos, a filatelia nacional viu surgir no seu firmamento novas estrelas, como que um render de guarda, para assim preencherem os vazios deixados por alguns grandes que partiram para sempre.

Mais concretamente: A Istambul 1963 foi a grande vedeta do ano, pouco tempo depois da abertura da época filatélica. Alguns consagrados e, também, felizmente, novos valores que surgiram, caso, por exemplo, do capitão Joaquim Leote, a grande revelação filatélica de 1963 que expôs pela primeira vez no estrangeiro, obtendo medalha de oiro.

Como remate tivemos essa extraordiária «Philatec», onde, uma vez mais, a filatelia portuguesa se prestigiou e novos valores surgiram, e com os quais é necessário contar futuramente: Morais Calado, Engenheiro Paulo Seabra, Carlos da Rocha Leitão, Miguel Pimentel Saraiva, todos eles figuras de destaque da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos (só Morais Calado infelizmente afastado da actividade da Secção).

Tudo isto é consolador e dá-nos a esperança, ou melhor, a certeza, de que a filatelia nacional continuará a marcar presença destacada no campo internacional.

A par de tudo isto, a actividade que no próprio campo nacional se verificou com numerosas exposições filatélicas, o que não quer dizer, todavia, que seja um progresso em extensão e profundidade. Queriamos que vilas e cidades onde há filatelistas dessem um ar da sua graça, marcassem a sua presença, quando mais não fosse, no «Dia do Selo», e assim se desfazer a ideia de que a filatelia nacional só tem vida em Lisboa, Porto e Aveiro. Oxalá que, em breve, os factos desmintam esta crença, que a actividade se desenvolva e frutifique, que alcance todos os rincões da terra lusa.

1) AS EXPOSIÇÕES FILATÉLICAS

Em 2 de Novembro foi inaugurada a Exposição Filatélica Bancária e, em 17 do mesmo mês, a 1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática de Turismo. E, como que inaugurando a época filatélica, realizou-se a 3.ª Exposição Filatélica do concedho de Matosinhos (13/20 de Outubro), organizada pela prestante Associação Recreativa Aurora da Liberdade. A todas estas Exposições já a revista «Selos & Moedas» deu o relevo necessário.

Realizaram-se ainda: a 6.ª Exposição Filatélica intersócios da Academia de Santo Amaro (5 de Dezembro); I Exposição Filatélica do Clube Shell, organização do Dr. Romano Câmara (Janeiro de 1964); na FIL., integrada nas «jornadas avícolas, iniciativa da Associação dos Avilcutores de Portugal, teve lugar a I Exposição da Temática das Aves e que teve o patrocínio do Clube Filatélico de Portugal (31-1-64).

Comemorando o seu cinquentenário, o 2.º grupo de Escuteiros de Portugal também realizou, na sua sede, uma Exposição Filatélica (5-4-64),

por
J. CAMPELO

onde funcionou um posto dos C.T.T.

Também por iniciativa do Grupo Desportivo do Pessoal de «O Século», teve lugar no salão de festas do mesmo jornal, a I Exposição Filatélica do «Pessoal da Imprensa Diária de Lisboa», jornada magnífica de propaganda filatélica.

A Comissão organizadora editou um excelente sobrescrito comemorativo do acontecimento (25/31 Maio).

Na Feira das Indústrias e promovida pela I.N.A.T., uma Exposição foi realizada sobre a luta contra a tuberculose, constando de 16 quadros com selos e vinhetas, cerca de 200 folhas.

Acontecimento de interesse filatélico foi a I Exposição de Divulgação Filatélica da Adefa (23/30 Maio), realizada nas instalações fabris da EFACEC e que teve completo êxito. Também em Castanheira de Pera e integrada nas festas do 50.º aniversário do Concelho, teve lugar, cremos que pela primeira vez, uma Exposição Filatélica e Numismática, tendo como organizador o distinto colaborador de «Selos & Moedas» Dr. Arnaldo Brazão. (Julho).

Conforme reportagem publicada nesta mesma revista, a vila da Maia levou a efeito a sua IV Exposição Filatélica integrada nos festejos em honra de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Todas estas Exposições tiveram a colaboração magnífica e indispensável dos C. T. T., em cujos locais funcionaram postos do Correio que desenvolveram notável actividade. De todos os lados era numerosíssima a correspondência recebida para lhe ser aposto o carimbo respectivo.

2) ISTAMBUL E PHILATEC

As grandes vedetas da época filatélica, e que assinalavam o seu começo e seu termo, tiveram a participação da filatelia portuguesa, onde alcançou posição de relevo e donde saiu prestigiada.

O grande Prémio de Honra coube a José Gonzalez Garcia, que também conquistou uma medalha de vermeil para as suas participações de Macau e Ilhas Virgens. A revelação filatélica de 1963, capitão Joaquim Leote, que pela 1.ª vez expôs lá fora, trouxe na sua bagagem uma merecidíssima medalha de ouro a galardoar o seu Portugal magnífico, que já havíamos admirado na Exposição das Colectividades de Recreio. José Hipólito, um veterano nestas andanças, alcançou uma medalha de prata.

Nas temáticas: D. Maria da Conceição Hernandez, Engenheiro J. Beirão, capitão Francisco Silveira, Dr. Alçada de Paiva, obtiveram medalhas de Bronze.

Em Junho, em Paris, que foi teatro da Philatec, a filatelia portuguesa alcançou novo e notável êxito. A todos os títulos notável, esta jornada filatélica foi um modelo de organização, onde tudo foi grandioso, eloquente... Uma excepcional classe de Honra com cerca de 70 participantes de todos os cantos do Globo, mas dos melhores, e de que faziam parte o Prof. Doutor Carlos Trincão e Gonzalez Garcia.

Na classe de competição foram distinguidos: José Gonzalez Garcia (Macau), José Hipólito (Portugal clássico), ambos com medalhas de vermeil; Morais Calado (Portugal

clássico), Eng. Paulo Seabra (Portugal clássico) e Dr. Montenegro Carneiro (Moçambique), todos com medalhas de prata. Carlos da Rocha Leitão (Portugal e ultramar) e cap. Sidónio Bessa Pais (cartas prè-filatélicas francesas de 1572 e 1701), medalhas de bronze.

Temáticas: capitão F. Lemos da Silveira, medalha de prata mais objecto de arte; Machado Freitas Beirão, medalha de bronze; Miguel Saraiva, medalha de bronze.

Perante tão notável êxito, não há dúvida que a época filatélica foi assinalada no seu começo e no seu fecho com galardões que revelam bem a categoria dos filatelistas portugueses, quando em confronto com os de além-fronteiras. Evidentemente que isto nos trás novas e maiores responsabilidades, mas temos a convicção de que todos estarão em condições de as enfrentar com êxito.

3) AS EMISSÕES DO ANO

Os C. T. T., como vem sucedendo há já alguns anos, não foram pródigos na emissão de selos. Quatro emissões de selos para o Continente, e o eterno «diz-se» nos meios filatélicos a respeito das emissões que irão circular, mas que nunca surgem... Há uma Comissão Filatélica Nacional e o departamento responsável dos C. T. T. para as emissões de selos.

Perguntamos: Porque se não assenta em definitivo num programa de emissões para cada ano, comemorando os acontecimentos mais relevantes? Essa seria uma sã política filatélica e não aqueloutra que se vem seguindo, comemorando acontecimentos já ultrapassados. No dia 1 de Dezembro — Dia do Selo — teremos os selos olímpicos — um acontecimento que começa a cair no olvido. É isto agradável aos filatelistas? É esta uma orientação justa? É um problema que requer revisão profunda para acertarmos o passo e entrarmos decididamente numa política filatélica realista, viva e actuante. Em 1 de Dezembro foram emitidos três valores das taxas de 1$00 (5 milhões), 2$50 (1 milhão), e 3$50 (1 milhão), comemorativos do 10.º aniversário dos T.A.P., com desenhos de Paulo Guilherme.

Em 9 de Abril, o IV Centenário da publicação em Goa dos Colóquios dos Simples e drogas de Garcia da Orta, com desenhos de Abel Manta, foram postos em circulação 3 valores das taxas respectivamente, de $50 (1,5 milhão), 1$00 (8 milhões) e 4$30 (500.000).

Em 19 de Maio, Centenário do Banco Ultramarino com as taxas de 1$00 (8 milhões), 2$30 (1 milhão) e 2$50 (1 milhão).

Finalmente em 5 de Junho, o Centenário do Sameiro com 3 taxas de 1$00 (8 milhões),2$00 (1 milhão) e 5$00 (1 milhão). Isto, quanto às emissões para o Continente.

Em 1 de Novembro, foram emitidos 15 milhões de selos divididos por 18 valores que representam igrejas da província de Angola. Reproduzidos de fotografias com arranjo dos Serviços de Valores Postais do Ministério do Ultramar, foram impressos

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradoiro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes. A **Fábrica Alcluia** produz azulejos da melhor qualidade

em «off-set» pela Litografia Nacional, do Porto.

No dia 1 de Dezembro — Dia do Selo — foram emitidos para Moçambique 23 milhões de selos, reproduzindo 20 tipos de embarcações utilizadas desde 1460 a 1924, pela marinha Portuguesa, nas taxas que vão de 10c. a 15$00. Foi utilizado um carimbo especial em Lourenço Marques com a Torre de Belém. Também para as outras capitais de Província — Praia — Bissau — S. Tomé —Luanda — Macau e Timor — foram mandados confeccionar carimbos especiais que foram utilizados nas correspondências apresentadas no dia 1 de Dezembro.

Finalmente, também foram emitidos para o Ultramar os selos comemorativos do Centenário do Banco Ultramarino: 1$50 (200.000 para Cabo Verde e 400.000 para Moçambique); 2$50 (200.000 para Guiné, S. Tomé e Timor, e 400.000 para Angola); 20 avos (250.000 para Macau).

E é tudo quanto a emissões para Portugal continental e ultramarino, o que se não pode considerar de exagerado. De salientar, no entanto, a série das embarcações, que saiu muito bela e que veio enriquecer imenso o conjunto dos selos emitidos para o ultramar.

4) O DIA DO SELO

A fixação da data para comemoração do Dia do Selo foi um bom passo andado na materialização de uma ideia que há muito vinha germinando. Pena é, e disso nos fazemos intérpretes do pensamento de numerosos filatelistas, que um selo ou série comemorativa não venha, também anualmente, assinalar esta data. Neste aspecto não temos sido felizes mas... adiante.

Numerosas exposições e jantares de confraternização têm assinalado esta data e de desejar seria que outras iniciativas surgissem, com vista a uma propaganda efectiva da filatelia. Lembramos a iniciativa de um distinto filatelista oliveirense — sr. Joaquim Crêdo — que teve a feliz ideia, há dois ou três anos, de solicitar participações de alguns filatelistas do distrito e distribuir folhas com selos pelas montras dos comerciantes locais. A iniciativa teve excelente acolhimento e apresentamo-la como um belo exemplo a seguir.

O Clube Filatélico de Portugal levou a efeito uma Exposição dedicada a Macau e Timor; em Alhandra teve lugar também uma Exposição de Divulgação Filatélica, na Junta de Freguesia e também dedicada ao Ultramar.

Como já foi salientado nesta revista, também Aveiro comemorou com desudado brilhantismo esta data: uma palestra pela D. Maria da Conceição Hernandez, uma magnífica exposição filatélica e um jantar de confraternização no restaurante Galo de Ouro. Em Lisboa, Porto, Aveiro e outras terras do país, organizaram-se pequenas palestras e jantares de confraternização. Foi uma jornada magnífica, que teve grande repercussão e estamos certos de que este ano esta data será assinalada com maior brilhantismo e consagrará definitivamente o Dia do Selo.

5) PROPAGANDA E EXPANSÃO FILATÉLICAS

O prestígio da filatelia portuguesa além fronteiras, não encontrou ainda

no campo nacional aquela correlação de força e expansão que é necessário imprimir-lhe. Temos tido numerosas exposições filatélicas mas circunscritas sempre ou quase sempre aos mesmos meios. Há capitais de distrito que não dão sinal de si; há nucleos de filatelistas aqui e ali, mas não nucleos filatélicos em actividade; há filatelistas desavindos, quando é certo que a filatelia deve ser um polo de atracção, uma chamada à unidade, à acção conjugada de todos, sem parti-pris, sem ressentimentos.

O desenvolvimento e expansão da filatelia deve ser a preocupação dos que arvoram o selo-postal como símbolo inequívoco de amizade, solidariedade, unidade...

A imprensa filatélica circunscreve-se ao «Boletim do Clube Filatélico de Portugal» e à revista trimestral «Selos & Moedas», cujo aniversário, o segundo, agora se comemora. «Mercado Filatélico» deixou-nos há já tempos, sendo de reconhecer que é uma publicação que nos faz falta, mais recentemente «Jornal Filatélico».

Queríamos mais núcleos filatélicos regionais com publicações próprias, embora a sair trimestral ou semestralmente mas que, de qualquer modo, dessem sinais de vida.

Também as palestras são uma forma de propaganda a aconselhar e que são perfeitamente viáveis. Assim, em 11 de Abril findo, e promovida pela Secção Filatélica do Aurora da Liberdade, de Matosinhos, teve lugar na sede desta prestimosa colectividade uma palestra, cujo autor, o Dr. António Fragoso, versou o tema «O que eu vejo nos meus selos», com projecções. Este é realmente o bom caminho, aquele onde se semeia e também se colhem os bons e saborosos frutos.

6) A FECHAR

Não há dúvida que a época filatélica que vimos de viver foi altamente positiva. Houve bastante actividade com realizações de vulto, inclusivamente a excelente representação nacional nas duas internacionais de maior vulto.

Entrámos na nova época Filatélica e sinceramente desejamos que seja mais frutuosa que a anterior. Se assim acontecer, é sinal evidente de que os progressos se vão acentuando, que se trabalha em extensão e profundidade de forma a imprimir-se um carácter acentuadamente nacional à filatelia portuguesa; e, com isto, queremos significar que não apenas uma ou outra região, mas abarcando o país inteiro, se vá notando actividade filatélica.

São estes os nossos melhores votos — e também que o «cavalinho» nos deixe em definitivo e se limite a aparecer nos albuns dos filatelistas. Que dê lugar a algo de novo, de vistoso e com autêntica encadernação filatélica... Ao fim de 11 longos anos de circulação, de trabalhos sem fim, é caso para dizer: basta de tanto sofrer...

Os produtos cerâmicos das FÁBRICAS JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS, FILHOS, são ensaiados trimestralmente no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Assim se afirma o escrúpulo do seu fabrico que garante a qualidade dos seus produtos.

«UM ANO DE FILATELIA»

Époque» e que acarinham com ternura um «hobby». Apontados quase a dedo mas indiferentes, sabendo o que querem, continuam, impondo-se sempre, não desistindo das suas chamadas «manias» qual náufrago agarrado à tábua de salvação em mar revolto. E, dentro de todos os passatempos, a Filatelia caminhou mais um ano com passo seguro para o fim a atingir — a

Pela D. Maria da Conceição Hernandez de Sousa

TEMOS quase terminado mais um ano... muitas alegrias e muitas tristezas passaram por nós... momentos que nos deixaram um sabor a fel na boca e momentos também de uma dulcíssima recordação.

No mundo em que vivemos catástrofes terríveis, guerras hediondas, lutas tremendas, descobertas colossais, conquistas célebres, espíritos preocupados na dura luta do dia a dia e no futuro que se apresenta inseguro, consciências perturbadas, corações sedentos de amor e amizade e saturados de ódio, de ingratidão e de desprezo pelos padecimentos do semelhante.

Mentalidades atrofiadas, egoístas, incapazes de reagir seja ao que for, depauperadas pelo comodismo e pela futilidade. Nível intelectual cedendo assustadoramente à imbecilidade e ao despotismo. Imperialismo da materialidade e o clamor do salve-se quem puder.

Pretendendo sair do caos, incólumes, aqueles que pertencem à «Belle solidariedade, a compreensão, a amizade entre todos os seus elementos. Ainda se travaram e travam muitas lutas desiguais e desnecessárias, ainda se atacou cobardemente muito irmão de liça, mas agora que mais um ano está quase no fim, muita consciência estará pesada e pronta a fazer o acto de contrição. E pouco a pouco, algo se deve conseguir e o futuro será mais risonho.

Filatèlicamente falando foi um bom ano. Fizeram-se muitas exposições. Algumas com bastante interesse, outras pràticamente desnecessárias. Nem todas trouxeram bons resultados... muitas trouxeram ainda mesquinhas controvérsias. Mais um ano se passou, e no sentido de remediar este mal pràticamente nada se fez. As exposições continuam a organizar-se sem comissões de recepção e sem júris à altura de poderem classificar as participações, e sobretudo de poderem ou quererem aconselhar o expositor que principia. O mal não é nacional, generalizou-se e, infelizmente, domina também o meio interna-

DORIA

cional. Não sou só eu, uma coleccionadora novata e com ideias absurdas para alguns, que o digo, mas nomes célebres como o de Hugo Fraccaroli considerado sumidade na matéria que escreve no Boletim da «Féderation International de Philatélie» Procés verbal de la 33.e Assemblée Generaie, acerca das colecções temáticas da «Philatec», que um grande número de colecções temáticas expostas não tinham nível para exposições internacionais, e critica os comissários por serem pouco cuidadosos na escolha das participações enviadas, ao mesmo tempo que entende que os júris não têm bastante competência para atribuir prémios nesta classe.

Assim, mais uma vez se confirma aquilo que tive ocasião de dizer no «dia do selo» do último ano, na sede do Clube dos Galitos de Aveiro, e que me permito insistir, isto é, na formação íntegra e recta de elementos para futuros membros de júris, quer para exposições nacionais quer internacionais e na formação de comissões de recepção. Os portugueses podiam-no fazer e colocar-se à vontade na vanguarda, pois têm dentro das fileiras da Filatelia elementos com cabeça e sabedoria para o poder fazer. Tenho que fazer notar que os problemas que só agora começam a levantar-se no estrangeiro nos têm preocupado a nós desde que saíu o regulamento, e que se há mais tempo as nossas dúvidas não têm sido discutidas em Congressos realizados no Estrangeiro, é porque, ou por comodidade ou por falta de tempo, ainda não apareceu um voluntário para os discutir, mas sim pessoas com um respeito extraordinário pelo que dizem os estrangeiros que são considerados nas suas teorias como invulneráveis, e que agora pouco a pouco, desde que têm sido chamados à responsabilidade se mostram mais ignorantes do que nós. As teorias dos temáticos portugueses têm sido consideradas como utopias, mas a minha consolação e a de todos os que têm trabalhado no esclarecimento dum regulamento cheio de dúvidas, é que há-de vir o tempo em que os estrangeiros estarão no ponto a que nós já chegámos há muito, e então, fazendo as nossas palavras deles, tudo terá o seu lugar. Mas como aquilo que se escreve é muito mais consistente do que aquilo que se diz, provaremos por a+b que os valores nacionais, onde não me incluo, têm tanta ou mais competência do que as celebridades estrangeiras que até agora nos têm olhado como micróbios insignificantes. Talvez se esqueçam que a união de micróbios provoca a destruição, e que têm que entrar sempre em linha de conta com eles, embora à primeira vista pareçam insignificantes.

Passando em revista as exposições realizadas no nosso País — em Janeiro a temática das Aves e a do Clube da Shell restrita só aos seus sócios, em Julho a do Cinquentenário da Fundação do Concelho de Castanheira de Pera, em Setembro a Exposição Filatélica da Comarca de Arganil, em Outubro a Exposição Filatélica do Estoril e a de Divulgação Filatélica de Santo Amaro, e ainda a realizar em Novembro a temática da Propriedade Urbana, verificamos que quase todas as exposições tiveram a comparticipação das colecções temáticas. É pois inegável que a Filatelia Temática está a ter um incremento bastante grande no nosso país, e que há imensos coleccionadores com o desejo de terem realmente uma boa colecção temática,

HORIA

mas que por falta de temáticos nos membros dos júris e na ausência de comissões de recepção sentem tantas dificuldades em prosseguir, que muitos deles sentem desejos de não continuar. Os temáticos necessitam mais do que os clássicos de se juntarem muitas vezes, fazerem reuniões de resultados práticos e úteis, exporem as suas dúvidas e ouvirem diversos pareceres, e na impossibilidade de conseguirem tal, precisam de sentir que quando expõem as suas colecções podem ter absoluta confiança nos membros dos júris que as classifica, pois é um júri íntegro e conhecedor da matéria que lhe apresentam. Só assim as decisões do mesmo podem ser bem acatadas e as sugestões que porventura sejam dadas, cumpridas.

Temos pessoas entre nós que se têm dedicado afincadamente ao problema das temáticas, e que estão à altura de pertencerem aos júris destas mesmas colecções sem termos necessidade de andar a pedir emprestados aos clássicos, indivíduos para julgarem as colecções temáticas. Só depois de todas as coisas postas no seu lugar o resultado de todas as exposições pode ser realmente benéfico para os filatelistas temáticos, e só depois se poderá arranjar um núcleo de expositores que em exposições internacionais consiga levar bem alto o nome de Portugal. Estamos e sempre estivemos à altura de disputar as primeiras classificações no Estrangeiro. Precisamos de mais unificação e maior união de pontos de vista. Daqui vos convido com todo o meu coração, disposta a dar todo o esforço que me pedirem, para que todos unidos, mostremos ao Mundo que foi Portugal que deu novos Mundos ao Mundo.

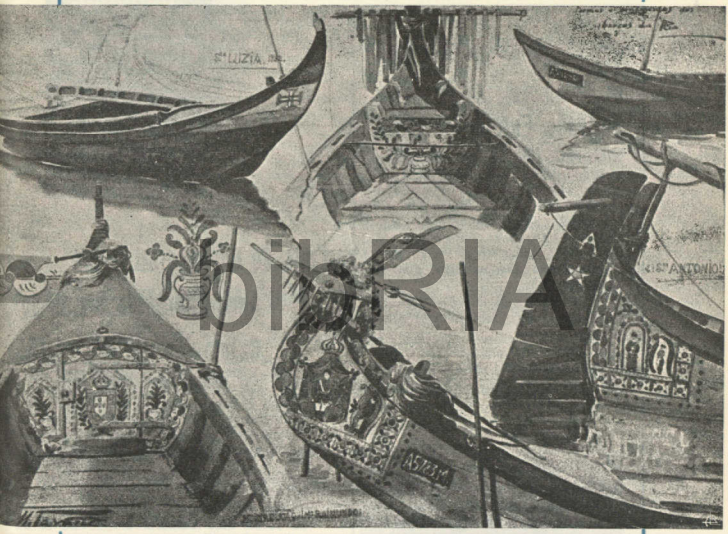
bibRIA

A Cerâmica e a indústria de todos os tempos é hoje a mais moderna na sua utilização e actualização técnica e aplicação prática. No campo decorativo as louças atingiram um nível de excepcional beleza e qualidade.

A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica

AVEIRO

espera-o



bibRIA

INFORMAÇÕES :

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 95-A

TELEFONE 23680

os últimos selos

METRÓPOLE

①

Emissão Europa — 1964

No passado dia 14 de Setembro a Administração-Geral dos C. T. T. pôs a circular mais uma emissão Europa CEPT.

Os selos cujo desenho é da autoria do artista francês George Bélemps têm as dimensões de 22,2 x 34,5 mm compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Os trabalhos de impressão foram executados, em off-set, pela Casa da Moeda.

O Plano da emissão foi o seguinte:

1$00 tiragem de 8 000 000
3$50 » » 1 500 000
4$30 » » 1 500 000

②

Emissão Comemorativa dos Anos Internacionais do Sol Calmo de 1964-1965

Também pela Administração Geral dos C. T. T. foi posta em circulação no passado dia 12 de Outubro uma série comemorativa dos Anos Internacionais do Sol Calmo de 1964-1965.

Os selos cujo desenho é da autoria do pintor Sebastião Rodrigues, têm as dimensões de 22,2 x 34,5 mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Os trabalhos de impressão foram executados, em off-set, pela Casa da Moeda.

O Plano de emissão foi o seguinte:

1$00 tiragem de 9 000 000
8$00 » » 1 000 000

①

Viagem Presidencial 1964

Em comemoração da Viagem Presidencial a Moçambique, o Ministério do Ultramar emitiu 500 000 selos postais da taxa de 2$50, tendo como motivo a cabeça de Sua Excelência o Presidente da República, de autoria do escultor Leopoldo de Almeida, que foram postos a circular no dia 23 de Julho passado.

Alusivo ao acontecimento, o mesmo Ministério mandou confeccionar também dez mil sobrescritos de 1.º dia de circulação, bem como um carimbo especial com marca do dia, para ser aplicado naqueles sobrescritos e em quaisquer outros que para o efeito foram apresentados ao «guichet» dos correios, em Lourenço Marques no referido dia 23.

Os selos foram impressos a 7 côres, na Casa da Moeda.

②

1.º Centenário da Associação Comercial de Luanda

Em comemoração do 1.º Centenário da Associação Comercial de Luanda, também o Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação, na Província de Angola, 400 000 selos de franquia postal, da taxa de 1$00, com as dimensões de 24 mm x 40,7 mm, reproduzindo o Emblema da mesma Associação e o Edifício do Palácio do Comércio daquela Cidade.

Os referidos selos foram impressos na Casa da Moeda, a 10 cores.

ULTRAMAR

bibRIA

os últimos selos

METRÓPOLE

①

Emissão Europa — 1964

No passado dia 14 de Setembro a Administração-Geral dos C. T. T. pôs a circular mais uma emissão Europa CEPT.

Os selos cujo desenho é da autoria do artista francês George Bétemps têm as dimensões de 22,2 x 34,5 mm compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Os trabalhos de impressão foram executados, em off-set, pela Casa da Moeda.

O Plano da emissão foi o seguinte:

1$00 tiragem de 8 000 000
3$50 » » 1 500 000
4$30 » » 1 500 000

②

Emissão Comemorativa dos Anos Internacionais do Sol Calmo de 1964-1965

Também pela Administração Geral dos C. T. T. foi posta em circulação no passado dia 12 de Outubro uma série comemorativa dos Anos Internacionais do Sol Calmo de 1964-1965.

Os selos cujo desenho é da autoria do pintor Sebastião Rodrigues, têm as dimensões de 22,2 x 34,5 mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Os trabalhos de impressão foram executados, em off-set, pela Casa da Moeda.

O Plano de emissão foi o seguinte:

1$00 tiragem de 9 000 000
8$00 » » 1 000 000

①

Viagem Presidencial 1964

Em comemoração da Viagem Presidencial a Moçambique, o Ministério do Ultramar emitiu 500 000 selos postais da taxa de 2$50, tendo como motivo a cabeça de Sua Excelência o Presidente da República, da autoria do escultor Leopoldo de Almeida, que foram postos a circular no dia 23 de Julho passado.

Alusivo ao acontecimento, o mesmo Ministério mandou confeccionar também dez mil sobrescritos de 1.º dia de circulação, bem como um carimbo especial com marca do dia, para ser aplicado naqueles sobrescritos e em quaisquer outros que para o efeito foram apresentados ao «guichet» dos correios, em Lourenço Marques no referido dia 23.

Os selos foram impressos a 7 côres, na Casa da Moeda.

②

1.º Centenário da Associação Comercial de Luanda

Em comemoração do 1.º Centenário da Associação Comercial de Luanda, também o Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação, na Província de Angola, 400 000 selos de franquia postal, da taxa de 1$00, com as dimensões de 24 mm x 40,7 mm, reproduzindo o Emblema da mesma Associação e o Edifício do Palácio do Comércio daquela Cidade.

Os referidos selos foram impressos na Casa da Moeda, a 10 cores.

ULTRAMAR

biblRIA

③ Emissão 6 Galeotas da Marinha Portuguesa

Tendo como motivos 6 galeotas da Marinha Portuguesa e a figura de um remador das mesmas, o Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação, na província de Moçambique, 14 milhões de selos de franquia postal, nas dimensões de 25 x 40 milímetros, distribuídos pelas seguintes taxas:

3 000 000 da taxa de $15 — Galeota Grande de D. João V
3 000 000 da taxa de $35 — Galeota Pequena de D. José I
2 500 000 da taxa de 1$00 — Galeota da Alfândega
1 500 000 da taxa de 1$50 — Remador das Galeotas
1 500 000 da taxa de 2$50 — Bergantim Real
1 500 000 da taxa de 5$00 — Galeota Saveira Dourada
1 000 000 da taxa de 9$00 — Galeota de D. Miguel

Dos referidos selos, que foram desenhados por Alberto Cutileiro e impressos, a 10 cores, na Litografia Nacional, do Porto, publicamos a respectiva colecção.

biblRA

Próximas emissões

① Emissão Comemorativa dos «Jogos Olímpicos - 1964»

Para comemorar a presença de Portugal nos «Jogos Olímpicos - - 1964», mandou a Administração-Geral dos C. T. T. emitir uma série de selos.

Os selos, cujo desenho é da autoria do pintor Sebastião Rodrigues, têm as dimensões de 34,5 x 27 mm compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Os trabalhos de impressão foram executados, em off-set, pela Casa da Moeda.

O plano de emissão é o seguinte:

$20 tiragem de 11 000 000	1$50 tiragem de 1 500 000
1$00 » » 10 000 000	6$50 » » 500 000

Foi marcada a data de 1 de Dezembro de 1964 para o 1.º dia de circulação desta emissão.

MARCOFILIA

Carimbos do 1.º Dia de Circulação

METRÓPOLE

1) Emissão Europa — 1964

2) Emissão Comemorativa dos Anos Internacionais do Sol Calmo de 1964-1965

ULTRAMAR

1) Viagem Presidencial a Moçambique

bibRIe

CARIMBOS COMEMORATIVOS

METRÓPOLE

1 Exposição Filatélica de Castanheira de Pera

2 Voo TAP Lisboa — Funchal — Lisboa

3 IV Exposição Filatélica do Concelho da Maia

4 VIII Festival de Folclore — Meadela — Viana do Castelo

5 XIII Concurso Internacional de Formação Profissional

biblRIA

1

2

3

4

5

6

7

6 XII Acampamento Nacional do Corpo Nacional de Escutas

7 Acampamento Nacional do Jubileu

8 9 10

8 I Exposição Filatélica da Comarca de Arganil

9 X Congresso de Fotogrametria

10 XIV Assembleia Geral do AGARD

11

12 Centenário da Fundação do Crédito Predial Português

13 II Exposição Filatélica do Estoril

14 III Exposição Filatélica Bancária

11 I Exposição Filatélica Inter-Colectividades de Cultura e Recreio

bibRIA

12 13 14

MARCOFILIA DO ULTRAMAR

CARIMBOS COMEMORATIVOS DO DIA DO SELO

Por especial deferência do Ex.mo Snr. Luís Cândido Taveiro, ilustre Director dos Correios do Ultramar, publicamos em primeira mão os carimbos comemorativos do Dia do Selo (1-12-1964) que serão apostos nas estações postais das capitais das nossas Províncias Ultramarinas.

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.da

possui em AGADIR, MARROCOS, uma moderna fábrica de CONSERVAS E FARINHA DE PEIXE

bibRIA

NOTICIÁRIO

N.º 8 DE «SELOS & MOEDAS»

Por vários atrazos verificados não foi possível a saída do n.º 8 da nossa revista. O presente número 8-9 insere maior colaboração, o que vem compensar de certo modo aquela falta.

Pedimos muita desculpa aos nossos estimados leitores pela falha verificada, que procuraremos evitar se repita.

CLUBE FILATÉLICO DA MADEIRA

Numa muito rápida passagem por Aveiro, não quis deixar de nos dar a honra da sua visita, o Snr. Dr. Frederico de Morais Sarmento, ilustre Presidente da Direcção do Clube Filatélico da Madeira.

O Snr. Dr. Frederico de Morais Sarmento, gentilíssimo no trato, focou a necessidade de haver entre os nossos dois clubes um amplo intercâmbio. Sem dúvida que estamos incondicionalmente votados no mesmo ideal de difusão da filatelia, e temos a certeza de que a mútua colaboração será muito proveitosa para todos os nossos leitores.

Prometeu-nos vir a Aveiro com mais tempo numa próxima oportunidade, o que ficamos a aguardar com o maior interesse e satisfação.

NÚCLEO FILATÉLICO DA UNIÃO DESPORTIVA VILAFRANQUENSE

Tivemos o grato prazer de receber da União Desportiva Vilafranquense a notícia da fundação do seu Núcleo Filatélico.

Pelo que julgamos poder vir a esperar-se da sua actividade, desejamos sinceramente que a sua vida seja muito longa para bem da Filatelia.

Sempre com o espírito de entreajuda que nos anima, aliás já demonstrada para com outras colectividades congéneres, colocamos inteiramente ao dispor do Núcleo Filatélico da União Desportiva Vilafranquense toda a nossa possível colaboração e amizade.

BOLSA FILATÉLICA EM AVEIRO

Com grande entusiasmo, continua a realizar-se aos domingos de manhã, no Café Trianon, a Bolsa Filatélica organizada pela nossa Secção, a qual muito tem contribuído para a expansão e divulgação da Filatelia em Aveiro

AULAS DE FILATELIA PARA JOVENS

Sob a orientação do dinâmico Presidente da Secção Filatélica e Numismática da Academia de Santo Amaro, Snr. Edmundo Nunes, vão iniciar-se nesta Colectividade aulas de filatelia para jovens, o que por certo muito contribuirá para o desenvolvimento da filatelia juvenil no nosso País.

OFERTA DE SELOS À NOSSA SECÇÃO

O Rev.º P.e Dr. Manuel de Pinho Ferreira, natural de Estarreja e actualmente residente no Colégio Português de Roma, enviou-nos, por intermédio de seu tio Rev.º P.e Albino Rodrigues de Pinho, do Seminário de Aveiro, uma série de selos do Vaticano e respectivos sobrescritos do 1.º dia, comemorativa da peregrinação de Sua Santidade Paulo VI à Terra Santa, e outra série também do Vaticano, comemorativa do Concílio Ecuménico Vaticano II.

Muito nos sensibiliza esta oferta, e estamos gratíssimos por tão gentil lembrança que ficará a enriquecer o nosso album.

BIBRIA

PHILATEC — PARIS 1964

Já é de todos conhecido o extraordinário êxito alcançado pela maior exposição internacional de todos os tempos, a PHILATEC-Paris 1964, que se realizou no Grand Palais, de 5 a 21 de Junho.

Sob o alto patrocínio do General De Gaulle, Presidente da República Francesa, constituiu a manifestação filatélica de maior envergadura até aos nossos dias.

A exposição foi excepcionalmente visitada, tendo-se formado enormes filas para a compra dos bilhetes de entrada.

De assinalar a visita contínua de grupos de jovens escolares e mesmo de inválidos a traduzir o enorme interesse que a filatelia merece aos franceses.

O Snr. Prof. Dr. Carlos Trincão, ilustre Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, fez parte do Júri Internacional, assim como pertenceu à Corte de Honra, expondo Irak. O Snr. José Gonzalez Garcia fez também parte da Corte de Honra, apresentando as colecções clássicas especializadas de Portugal e da India Portuguesa.

As participações foram distribuidas pelas seguintes Classes: Honra, Competição, Temática e Juventude.

Na Classe de Honra, o Grande Prémio de Honra foi atribuído a Joseph Schatzkes, da França, que expôs selos franceses, e na Classe de Competição, o Grande Prémio Nacional coube a Roger L'oeuillet, da França, com selos franceses, e o Grande Prémio Internacional pertenceu à Snr.ª Nihal Kuyas, da Turquia, com colecção especializada do Egipto.

As participações portuguesas na Classe de Competição, obtiveram as seguintes classificações:

1 — COLECÇÕES CLÁSSICAS:

★ José Gonzalez Garcia — Lisboa — Medalha de vermeil — com colecção especializada de Macau.
lizada de Portugal.

Dr. A. Montenegro Carneiro — Lisboa — Medalha de Prata — Moçambique.

★ José Morais Calado — Aveiro — Medalha de Prata — Portugal clássico.

José Hipólito — Lisboa — Medalha de vermeil — colecção especializada de Portugal.

★ Eng.º Paulo Seabra Ferreira — Aveiro — Medalha de Prata — Portugal clássico.

★ Carlos da Rocha Leitão — Aveiro — Medalha de bronze — Timor.

★ Capitão Sidónio Bessa Paes — Lisboa — Medalha de bronze — Cartas pré-filatélicas francesas.

2 — COLECÇÕES TEMÁTICAS:

Cap. F. Lemos da Silveira — Lisboa — Medalha de prata, com felicitações do Júri — Telecomunicações.

★ Miguel Pimentel Saraiva — Lisboa — Medalha de bronze — A Mãe e a Criança, esta em várias facetas.

J. M. Beirão de Freitas Machado — Lisboa — Medalha de bronze — O selo na era do jacto, e o helicóptero e o selo.

★ Sócios da Secção Filatélica do Clube dos Galitos.

A todos apresentamos as nossas mais vivas felicitações e muito particularmente aos participantes de Aveiro, que concorreram pela primeira vez.

SIBRIA

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

« EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DO DIA DO SELO »

Promovida pelo Clube Filatélico de Portugal vai realizar-se na cidade de Lisboa em 1 de Dezembro, mais uma Exposição Filatélica comemorativa do «X Dia do Selo», a qual é dedicada às nossas Províncias Ultramarinas de Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe.

« IV EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DE LUANDA »

Comemorando também o «X Dia do Selo», vai realizar-se de 1 a 23 de Dezembro, a «IV Exposição Filatélica de Luanda» promovida pelo Clube Filatélico de Luanda.

« II EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DO CUANZA-SUL »

Também na cidade de Novo Redondo, para comemorar o «Dia do Selo», vai realizar-se a «2.ª Exposição Filatélica do Cuanza-Sul.

« I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL DA TEMATICA DE ESCRITORES E JORNALISTAS » e « I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL DA PROPRIEDADE URBANA »

Em Lisboa, durante o mês de Dezembro e em dias ainda não determinados, terão também lugar estas duas exposições, respectivamente, na Casa da Imprensa e na Sede da Associação Lisbonense de Proprietários. Ambas são organizadas pelo Clube Filatélico de Portugal.

« III EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTERSÓCIOS DA SECÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DO CLUBE DOS GALITOS »

Conforme foi já anteriormente anunciado, também a nossa Secção vai realizar de 1 a 8 de Dezembro, com o alto patrocínio dos C. T. T. a sua «III Exposição Intersócios».

bibRIA

Esta Exposição, comemorativa do «X Dia do Selo» e «2.º Aniversário desta Revista, realizar-se-á no Salão Nobre do Teatro Aveirense, gentilmente cedido para o efeito.

Superiormente autorizado pela Administração dos C. T. T., será utilizado no dia da inauguração desta Exposição, no posto de correios que funcionará no local da mesma, um carimbo comemorativo do acontecimento.

Pela nossa Secção será editado um sobrescrito alusivo.

EXPOSIÇÕES FILATÉLICAS REALIZADAS

1 — «I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DE CASTANHEIRA DE PERA»

Por iniciativa da Câmara Municipal de Castanheira de Pera e integrada nas Festas Comemorativas do Cinquentenário deste Concelho, realizou-se de 4 a 12 de Julho, esta exposição.

2 — «IV EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DO CONCELHO DA MAIA»

Na Vila da Maia, integrada nas festas do Concelho, decorreu de 11 a 19 de Julho esta Exposição, cuja reportagem, do nosso dedicado colaborador J. Campelo, incluímos neste número.

3 — «I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMATICA DE MOÇAMBIQUE»

Em homenagem a Sua Excelência o Senhor Presidente da República, teve lugar de 23 de Julho a 7 de Agosto, em Lourenço Marques, a «I Exposição Filatélica e Numismática de Moçambique», organizada pelo Clube Filatélico de Moçambique. Desta exposição, inserimos no presente número desenvolvida reportagem da autoria do nosso prezado colaborador Snr. Jorge Luís P. Fernandes.

4 — «I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA COMARCA DE ARGANIL»

Organizada pela Casa do Concelho de Arganil com sede em Lisboa, esteve esta Exposição patente ao público, naquela Vila, durante o período de 6 a 8 de Setembro, integrada nas Festas da famosa Feira do Mont'Alto.

BIBLIOTECA

5 — « II EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DO ESTORIL »

De 15 a 30 de Outubro realizou-se no Casino do Estoril, esta Exposição, organizada pelo Clube Filatélico de Portugal.

6 — « I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTER-COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO »

Deste acontecimento filatélico que teve a colaboração da nossa Secção damos circunstanciado relato noutro local da nossa revista.

7 — « III EXPOSIÇÃO FILATÉLICA BANCÁRIA »

Levada a efeito pelo Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, teve início em 14 de Novembro mais esta exposição, onde obteve o 3.º lugar (medalha de prata), o nosso Administrador Snr. José Henriques dos Santos, a quem apresentamos os nossos parabéns.

LUSORIA

MANCOLISMO

COMPRO NOVOS OS SEGUINTES SELOS (CATALOGO ELADIO SANTOS)

Angola	N.º	21	— 100 Rs.	Castanho Amarelo
Cabo Verde	»	201	— 20$00	Verde Azul
Inhambane	»	5	— 40 Rs.	Castanho Vermelho
»	»	7	— 100 »	Castanho Amarelo
»	»	13	— 100 »	
Lour. Marques	»	16	— 20 »	Rosa
»	»	27	— 75 »	Carmin
»	»	29	— 100 »	Castanho
»	»	50	— 50 »	s/ 800 Rs.
Madeira	»	29	— 240 »	Lilás
»	»	31	— 5 »	Preto
Moçambique	»	25	— 2,5 »	s/ 40 Rs.
»	»	26	— 5 »	»
»	»	27	— 5 »	s/ »
»	»	52	— 50 »	s/ 300 Rs.
Timor	»	47	— 13 Avs.	s/ 80 Rs.
»	»	49	— 31 »	s/ 200 Rs.
»	»	80	— 6 »	s/ 10 Rs.
»	»	156	— 15 »	Violeta Claro
»	»	21	— 50 »	Castanho Verm.—(LIBERTAÇÃO)

DIRIGIR A

JOÃO J. NEVES

Rua 1.º de Dezembro, 31 - 4.º - D.to - LISBOA

SECÇÃO FILATÉLICA NUMISMÁTICA

biblRIA

CLUBE FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DOS GALITOS

Selos & Moedas

REVISTA TRIMESTRAL DA
Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos
Filiada na Federação Portuguesa de Filatelia

fundador
MORAIS CALADO

director
CARLOS DA ROCHA LEITÃO

director-adjunto
ENG. ALBERTO C. B. FRAZÃO

editor
GASPAR ALBINO

redactores
AMADEU DE SOUSA
DOMINGOS de C. MOREIRA

administrador
JOSÉ HENRIQUES DOS SANTOS

Aveiro, 1 de Dezembro de 1964
Ano 3 Números 8 e 9

Redacção, Sede e Administração:
CLUBE DOS GALITOS — AVEIRO

DISPENSADA DE CENSURA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica do Vouga — Telefone 2 746 — AVEIRO

Svmário

LIMIAR, *por Amadeu de Sousa* — A FAMOSA LENDA DA ILHA MAURÍCIA, *pelo Dr. António Fragoso* — DO ABC DA NUMISMÁTICA, *pelo Dr. Raul Gonçalves* — «HOBBY» AUTÊNTICO, *pelo Dr. Heitor Fenício* — A ACTRACÇÃO DO POLO AUSTRAL, *por Jorge Luís P. Fernandes* — ASSIM, SIM, *por Miguel Pimentel Saraiva* — A MEDALHA DE CASTANHEIRA DE PÊRA, *pelo Dr. Arnaldo Brazão* — DO ABC DA FILATELIA, *pelo Dr. Romano Caldeira Câmara* — OS CARIMBOS NUMÉRICOS DE MOÇAMBIQUE, *por A. M.* — I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE MOÇAMBIQUE, *por J. Luís P. Fernandes* — IV EXPOSIÇÃO DE DIVULGAÇÃO FILATÉLICA DA VILA DA MAIA *por J. Campêlo* — PANORAMA DA ÉPOCA FILATÉLICA, *por J. Campêlo* — «UM ANO DE FILATELIA, *pela D. Maria da Conceição Hernandez de Sousa.*

NO 2.º ANIVERSÁRIO DE «SELOS & MOEDAS» — CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL — ACADEMIA DE SANTO AMARO — OS ÚLTIMOS SELOS — MARCOFILIA — NOTICIÁRIO

bibRI

bibRIA

bibRIA

AO SERVIÇO DOS TRANSPORTES AÉREOS

"JET-FUEL"

Para principiar ou continuar uma colecção de selos de Portugal, Ultramar, Estrangeiro, Temática, etc., visitar ou enviar lista de faltas a

HENRIQUE MANTERO

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — TELEF. 32 81 76 — LISBOA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Sancho Osório

Selos para colecção

REMESSAS Á ESCOLHA
PORTUGAL E ULTRAMAR

Selos isolados novos e usados
Séries completas novas

Selos usados em quantidade aceito em pagamento

pedir n/ tabela de valorização de condições de troca

R. da Madalena, 80-3.º LISBOA
Telef. 86 91 94

MERCADO FILATÉLICO

Rua de Santo António, 199-1.º
PORTO

ALBUNS

para PORTUGAL E ULTRAMAR modelos Simões Ferreira e Mercado Filatélico.

CATÁLOGO

SIMÕES FERREIRA 1963

SELOS NACIONAIS, ESTRANGEIROS E TEMÁTICOS

Escritório Filatélico
FUNDADO em 1920

F. Castel-Branco & Filho, L.da

Raridades de Portugal e Ultramar -:- Selos estrangeiros -:- Novidades -:- Temáticas

REMESSA À ESCOLHA E POR MANCOLISTA

Avenida Rocha Páris, 54-1.º -:- Telefone 22020 -:- End. telegráfico REPERFILA -:- Apartado n.º 44

VIANA DO CASTELO *PORTUGAL*

DIBRIA

Senhores filatelistas

CONSULTEM OS SERVIÇOS DE FILATELIA DOS CTT NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES funcionando na sede da Administração Geral, na Rua de S. José, sobre as edições de selos postais, nomeadamente àcerca de:

— Selos existentes e à venda;

— Próximas edições e datas prováveis.

bibRIA

INSCREVAM-SE GRATUITAMENTE NOS SERVIÇOS DO GABINETE DO CONSULTOR ARTISTICO DOS CTT, situados no edifício da Rua Sinel de Cordes, n.º 9, Lisboa 1, a fim de serem informados, através do envio de « pagelas », das novas edições a aparecer.

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA?

Inscreva-se como sócio da

Secção Filatélica e Numismática

DO CLUBE DOS GALITOS

RECEBERÁ GRATUITAMENTE

SELOS & MOEDAS

Fomente, divulgue e pratique FILATELIA

FORNECEDORES DO GOVERNO PORTUGUÊS

LITOGRAFIA NACIONAL
PORTO

IMPRIME SELOS POSTAIS PARA PORTUGAL E ESTRANGEIRO E AS SUAS EXECUÇÕES SATISFAZEM OS MAIS EXIGENTES FILATELISTAS DO MUNDO.

CASA FILATÉLICA J. ELL

FUNDADA EM 1940

Novidades estrangeiras sempre aos melhores preços. Lista de preços periódicas. Aceitamos assinantes de novidades. Todo o material para o filatelista. Tiras HAWID.

Rua da Prata, 184-2.º Esq. **Tele. 32 35 08 — LISBOA 2**

SECÇÃO FILATÉLICA NUMISMÁTICA

bibRIA

SOBRESCRITOS DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

(Colecções de 7 e 8 sobrescritos, sendo 1 de cada província)

	Escudos	Pesetas
1953 — Centenário do Selo — cada colecção a	350$00	700
1958 — Exposição de Bruxelas a	150$00	300
1960 — V Centenário da Morte Infante D. Henrique a . .	100$00	200
1963 — Dia de S. Gabriel — cada colecção a	75$00	150
1964 — Centenário do Banco Nacional Ultramarino a . .	50$00	100

MOÇAMBIQUE

1961 — Brasões — Colecções de 17 sobrescritos com os 17 carimbos de 1.º Dia — cada colecção a	150$00	300

OFERTA ESPECIAL

Sobrescritos de PORTUGAL

100 sobrescritos com marcas especiais (diferentes) a . .	250$00	500
50 » » » » » a . .	150$00	300
25 » » » » » a . .	100$00	200

bibRIA

CARIMBOS DE 1.º DIA

(selados com 1$00)

100 sobrescritos (todos diferentes) a	500$00	1.000
50 » » » a	300$00	600
25 » » » a	200$00	400

CATÁLOGOS DE 1965

Ivert a	315$00	650
Eládio de Santos a	35$00	75
Simões Ferreira a.	35$00	75
Lollini a	65$00	140

Pagamento por cheque, vale postal, notas ou selos postais ao facial de preferência séries completas.

PEDIDOS A **BARATA DAS NEVES**

Rua da Trindade, 5 — 1.º D.to **Lisboa 2 — PORTUGAL**

SAPATARIA LEITÃO DE

Manuel Ferreira da Rocha Leitão, Suc.

(CASA FUNDADA EM 1908)

CORRESPONDENTE DO BANCO DA AGRICULTURA

Agente da Companhia de Seguros «A PÁTRIA»

Ruas Eça de Queirós e Rato - Telefone 23308 - AVEIRO

Qualquer selo que necessite ..

Qualquer sobrescrito que lhe falte...

Qualquer material filatélico que lhe interesse...

Qualquer informação que deseje...

Para tudo sobre

FILATELIA

Sérgio W. de Sousa Simões

Telefone 22657

CALDAS DA RAINHA

A. Simões

Sempre interessado em lotes stocks colecções de Portugal Ultramar e estrangeiro especialmente Alemanha, Vaticano, Liechtenstein, Luxemburgo, S. Marino, etc.

Erros, selos sobre fragmentos ou envelopes antigos

Selos comuns para pacotes de Portugal e Ultramar Vendo selos mediante mancolista, de Portugal e Ultramar

Rua do Crucifixo, 76-3.º Esq.

Sala M

LISBOA

H. Santos Viegas

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º — Telef. 35852 — LISBOA

Casa especializada em selos de Portugal e Ultramar

Variado stock de selos estrangeiros

bibRIA

CASA A. MOLDER

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 101-3.º
LISBOA-2 Telefone 21514

TUDO PARA FILATELIA

SELOS DE PORTUGAL E ULTRAMAR
é a nossa grande especialidade

SELOS DE TODO O MUNDO PARA TODOS OS TEMAS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE SELOS
EM 15 VITRINES NO ATRIO DO RÉS-
-DO-CHÃO E NO 3.º ANDAR (elevador)

EXECUÇÃO RÁPIDA DE PEDIDOS POR CORRESPONDÊNCIA

COMPRA — VENDA

Selos-Álbuns

Milhares de séries completas de Portugal, Ultramar e Estrangeiro, classificadores, tiras Hawid, listas de preços grátis

CASA FUNDADA EM 1922

Eládio de Santos

Rua Bernardo de Lima, 27 — Tel. 4 97 25
LISBOA - 1

DOMINGOS DO SACRAMENTO

MERCADO FILATÉLICO DE LISBOA

Rua do Crucifixo, 26 - Telef 32 48 91 - LISBOA - 2

SELOS E MATERIAL FILATÉLICO

Edições: Simões Ferreira
Mercado Filatélico
e Eládio de Santos

Circulares grátis em distribuição

bibRIA